

VOGUE



: SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER :

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
DA ILUSTRAÇÃO
30, R. da Alegria, 30 — End. teleg. : LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTORA : LAURA NOGUEIRA
SECRETÁRIO DE REDACÇÃO : CASTELO DE MORAIS

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.^a
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — 25, Rua Anchieta
TELEF. C. 1084, C. 1606



Modelo CORA MARSON)

UM LINDO ROSTO — UM LINDO CHAPEU — UM LINDO GESTO

(Foto: Manuel, Frères)

Ayuntamiento de Madrid

EM FRANÇA



O uso das «mascottes» é velho, não sabemos se é profícuo. Da figa, do chifre, dizia maravilhas a nossa ama. Do Penguin de Alfred alguma coisa nos poderia dizer a endiabrada Mistinguett, que a nossa gravura representa no «à vontade» dum pijama «dernier style», tendo ao colo o célebre passaro das neves do polo.

Se ela estivesse mais perto, ao alcance perigoso da entrevista, saberiam as leitoras da Voga da utilidade e das virtudes do pinguim; à distancia, porém, a que ela está de nós, é difícil perguntar-lho, e ficaremos ignorando o poder do talismã a não ser que alguma senhora portuguesa nos queira dizer que porção de felicidade atribui à posse da «mascotte» em voga.

MUSSOLINI E AS MULHERES

Os jornais ingleses transcrevem palavras do «Duce» a respeito de nós.

O ditador italiano reduz-nos à expressão mais simples; para Mussolini a mulher é apenas um sinal ortográfico — um *parenthesis* na vida do homem...!!

A comparação deve envaidecer aquelas de nós para quem o parentesis, sinal aritmético, seja conhecido.

Como é notório, a supressão desse sinal numa formula, implica, em certos casos, a mudança de valor à quantidade encerrada; assim, suprimindo o parentesis a um homem de valor positivo, sem o dito sinal poderá ele ficar sendo quantidade negativa...

Portanto, é um perigo suprimir a mulher (o parentesis), na formula da vida...

Há quem diga que a actual mania das tatuagens femininas é sinal certo de decadência da época... Basta-nos, porém, um pedacito de observação para notar que apenas um diminutíssimo número de mulheres adoptam tais exotismos. E esse mesmo diminuto número é quasi composto de exhibicionistas cujo «métier» obriga a exhibição.

Além disso, um lançar de olhos para o passado mostra-nos, em plena Renascença, na Itália florentina toda Arte, que certas *belle florentine*, não se contentando já com pintar lábios e faces, mandavam-se tatuar os braços junto aos ombros, gravando neles por esse meio a própria divisa mais ou menos ornamentada e colorida.

Em fins do século-dezoito, as formosas damas empoadas que mais salientes se queriam tornar, iniciaram a moda das tatuagens no peito — moda que levantou os protestos da grande maioria aristocrática feminina, e que, talvez por isso, não foi avante.

AQUI PARA NÓS...

MINHAS amigas, choveu.

Anda no ar uma idea de Inverno, idea triste para os pobres e para os estúpidos que não sentem a virtude misteriosa dos contrastes rudes nesta obrigação quotidiana de viver.

Mas eu não quero mal à chuva.

Sem inverno o mundo seria triste, faltava pelo menos às criaturas o pretexto de contemplar o fogo e a ocasião de criar amor a todas essas ninharias meigas que tornam um lar aconchegado e tépido.

Eu gosto do frio. O frio une os espiritos em volta dumas brasas e tem o poder milagroso de congregar numa só força, forças que andavam dispersas e que se perderiam inúteis na dispersão do egoísmo universal.

Nós de inverno somos melhores, já repararam?

Somos mais inteligentes e mais contemplativas, vemos melhor para dentro de nós mesmas. O mundo alheia-se de nós, ou somos nós que fugimos dele, retraindo-nos como quem se abriga da chuva no primeiro portal hospitaleiro.

A idea de nudez que nos rodeia faz-nos querer bem a todas as pequeninas manifestações de beleza que logram vingar e impôr-se a meio da desolação universal.

As árvores nuas tornam-se para nós silhuetas graciosas, fininhas e leves como desenhos à pena.

Assim, com as árvores despidas, a presença duma flor deixa de ser uma coisa banal em qualquer parte onde exista.

É bom, portanto, que o inverno lembre. Para bem das flores que, sem ele, pouco valeriam, para bem do lar que poderia esquecer-nos, para bem dos pobres que, ao contrário das rosas, são menos raros quando faz frio.

Eu tenho a certeza que todas as grandes ideas de Bem colectivo nascem em terras muito frias, nas horas quietas do serão, enquanto o granizo chicoteia os arbustos e a neve se estende pelos caminhos como uma folha branca onde ninguém se atreve a escrever os caracteres fugidios dumas passadas.

Choveu. Ainda fará sol, calor talvez, mas em todas as nesgas da terra há-de germinar uma semente, todas as tardes um arrepio gelado há-de sacudir-nos os ombros e assim ficaremos avisados, pela graça da relva e pelo frio das noites, de que o Inverno está à porta e, mais dia menos dia, ele virá falar-nos a doce linguagem do fogo, voz amiga e de bom conselho que fará cerrar o postigo da nossa vivenda e abrir as nossas almas para dentro de si mesmas, ansiosas por encontrar, na lareira íntima, a labareda de um afecto.

FRANCISCA D'AYRE.

EM CASCAIS



Um pel...

VIDA ELEGANTE

CHIAO acima interpelam-nos: — A Voga tem um defeito. Não diz nada da vida elegante da nossa terra! Titania, uma pequenina fada gentil que usa este nome, tinha razão. Explicámo-nos: Fim do estio; o nosso cronista ausente... — Não é desculpa...

Pedimos então que falasse, que nos dissesse...

Titania apontou-nos uma pequena mala que trazia e acrescentou: Não tenho tempo, vou fazer compras e volto ainda num comboio da manhã.

— Para onde? Inquirimos.

— Para o reino das fadas, a corte de El-Rei Merlin. Mas eu escrevo de lá...

E escreveu. Titania diz-nos:

«Como você vê, pelo alto da carta, estou numa praia. Daqui, nada de interessante a dizer-lhe. Uma coisa apenas, e essa é triste. A mulher portuguesa não sabe vestir um «maillot», falta-lhe a naturalidade ingénua da inglesa ou o «à vontade» orgulhoso da francesa, e assim a moda torna-se um pouco irreverente porque toma um ar de «proibido» que ofende os bons costumes... Mas, adiante. Você quer saber coisas da vida elegante e vai saber algumas. Como quem faz o Juízo do Inverno no almanaque do trimestre...

Não sei bem qual é o planeta que vai reger os destinos da «saison», mas sei, de fonte segura, que vários enlances ficarão concluídos, talvez antes do Natal. Um deles, na «vieille roche» terá como prólogo abrirem-se outra vez salas que há muito estão fechadas e, vá mais uma inconfidência, num rasgo de tradicionalismo a ressurreição duma velha espineta e de partituras do seu tempo. A Pavana, o Minuete, a Gavota, vestidos a rigor, virão trocar um pouco do Charleston e do Black Bottom. Isto é, vai ser proclamada a hegemonia da raça branca.

Outro casamento, esse na alta finança, trará consigo, se São Martinho quiser, uma «garden-party» que deverá ficar célebre por determinado atractivo, que não quero divulgar.

E mais outro, e outro e outro ainda, que talvez se não realize tão cedo porque, como o Malbourough da canção:

On ne sait quand il viendra...

E por hoje mais nada.

Nem nomes, nem apelidos, nem títulos, porque sou rapariga de segredo e os nossos cronistas os teem açambarcado todos.

Au revoir.

TITANIA.

PUBLICAÇÕES DA CASA AILLAUD

ILUSTRAÇÃO MAGAZINE

para os estudiosos e para aqueles a quem interessa uma perfeita documentação gráfica dos acontecimentos mundiais

a unica publicação portuguesa que marcou um lugar insubstituível em todas as famílias que presam a boa leitura

VOGA — A revista de elegâncias que a mulher portuguesa vai eleger como sua companheira em assuntos de bom gosto



Emmerico

— Então não gostaste do jornal de modas que te dei?
— Já é antigo... É de ante-ontem...

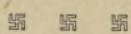


Um pele vermelha junto do Arco do Triunfo

pondo em jogo toda a delicadeza, toda a finura do gosto feminino, descobriu na decoração um interessantíssimo campo de actividade que constitui uma nova e adequada profissão para a mulher. Numerosas senhoras advogaram em Inglaterra a ideia do novo *metier*.

Miss Nora Tower está fazendo sucesso. O «Club das Amazonas», de Londres, encarregou as novas decoradoras de concluir uma decoração nos novos salões do Piccadilly.

Dirige os trabalhos Miss Nora Tower. Todas as senhoras que se dedicam a esta nova profissão tem encontrado, pelo feliz efeito da sua execução, bastante procura para os seus trabalhos.

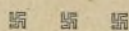


A EXPANSÃO DA «COQUETERIE» FEMININA

A America é o país dos exageros. Paris dita as severas leis da moda, mas a America é quem bate o «récord» na expansão da «coqueterie» feminina. Paris coleciona lindos motivos de beleza. A America coleciona cifras no formidável livro do deve e haver, e todo o seu capricho é atirar ao mundo com os seus números onde a

moda e os seus gastos se reduzem a milhões de dólares. País de estatísticas, as americanas, e mais particularmente os seus maridos, estão a par dos milhões dispendidos por ano, com os perfumes, o corte de cabelos, ou o consumo do material (os americanos dizem assim), empregado no *maquillage*. Assim, segundo as mais recentes estatísticas, as americanas gastaram este ano quatro vezes mais do que no ano passado, com a verba... nacional para as exigências da moda. A «coqueterie» americana, pelos cálculos das estatísticas publicadas nas revistas da especialidade, custou 325 milhões de dólares.

Qual seria a intenção do autor das estatísticas com a indiscreção destes números?



A MODA E O CAMINHO DE FERRO

A moda acompanha os vertiginosos progressos da velocidade da nossa época de «récords». Com o advento do aeroplano, em que é possível almoçar e jantar em dois países distantes, e ceiar no ponto de partida, na cavaqueira familiar que predispõe à narrativa de aventuras, não fazia sentido que ao capricho do cenário das refeições não correspondesse a rápida mutação da «toilette».

Os ingleses, que são pessoas muito práticas, acabam de acorrer a esta compreensível exigência: — «A moda deve acompanhar o

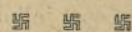
rítmo do nosso tempo». Nada como o comboio, no seu máximo de velocidade, pode oferecer a noção mais exacta do ritmo necessário.

Utilizemos, portanto, o caminho de ferro para a feliz adaptação da moda às exigências do nosso tempo.

Apoiada neste raciocínio bem britânico, uma grande linha de caminho de ferro acaba de revelar uma curiosa inovação sobre a maneira de apresentar os modelos.

Durante a viagem, lindas raparigas circulam pelos corredores e pelos compartimentos das carruagens, exibindo discretamente variadas «toilettes». Num compartimento reservado, os manequins mudam infinitamente de traje, e assim ao ritmo do caminho de ferro, passam, quasi dançando, as últimas novidades da estação. Cada exclamação, cada olhar ou sorriso de curiosidade tem logo uma voz complacente e tentadora que indica o prego e a assinatura do modelo.

É uma excelente distração para os viajantes, e um meio seguro de a moda perseguir os maridos renitentes a 120 quilómetros à hora...



UM CONCURSO DE CABELOS COMPRIDOS

A moda dos cabelos à «garçonne» não alcançou conquistar toda a Espanha. A mulher espanhola é muito ciosa das suas tradições, e muito orgulhosa da sua beleza.

BILHETES DE VISITA

«COW-BOYS», PELES VERMELHAS E CRÓCIDIOS

PARIS é o grande mostruário do velho e do novo mundo. Todos os povos quando precisam do réclame à sua actividade, fazem da cidade da luz, o seu cartaz luminoso. A própria America não foge à regra. Para valorizar o seu esforço na guerra, os americanos enviaram a Paris 30.000 legionários, que levaram à França os amistosos cumprimentos dos Estados Unidos, e durante quinze dias, todo o mundo falou dos americanos, do seu esforço, da sua amizade à França, da sua excentricidade, e da sua alegria de povo progressivo e forte.

Delegações de todos os pontos da America passaram em Paris os seus trajes característicos, e o exotismo dos seus costumes, com o que muito se divertiram as parisienses e as próprias americanas residentes em França. Nada faltou nesta sensacional parada da «American Legion». A generala Evangeline Booth, que superiormente dirige o Corpo Militar de Salvação, fazendo a sua continência no túmulo do soldado desconhecido, prestou a homenagem grave do cumprimento solene da America aos heróis franceses mortos na Grande Guerra.

Se se tratasse duma parada portuguesa, os portugueses que «sout toujours gais», provavelmente ficariam por aqui. Mas os americanos que não tem essa fama, foram de um espírito que muito seduziu a graça latina dos franceses.

Fizeram passar sob o Arco do Triunfo um legítimo representante da velha America, nada menos do que um verídico pele vermelha, com as suas penas e seus trajes de cinema. Mas não ficaram por aqui, na sua bisarria.

Além dos peles vermelhas, mandaram os americanos, «cow-boys», e um valioso crocodilo, que os legionários de Jacksonville, trouxeram com infinitos cuidados, como se conduzissem um bebé, e que ofereceram ao Jardim das Plantas. Este crocodilo, que não sabemos se chorou de alegria, com a originalidade ou a emoção dos festejos, é irmão dum outro que ficou na America e que tem a bonita idade de 103 anos.

UMA NOVA E ADEQUADA PROFISSÃO FEMININA

MISS Nora Tower, filha dum famoso pintor-decorador inglês, acaba de tomar uma resolução digna de exemplo. Com uma curiosidade e um afincio dignos do seu sexo, estudou silenciosamente a arte de seu pai, e



A generala Evangeline Booth fazendo a sua continência no túmulo do soldado desconhecido
Um presente americano para o Jardim das Plantas

A delegação dos Cow-Boys

Considerando a cabeleira um lindo adorno, difficilmente se resignou à sua falta. Valença soltou o grito de guerra, e quem sabe, talvez um grito precursor, e logo surgiu um original concurso de cabelos compridos. O certame foi coroado de magnífico exito. Depois de apaixonadas discussões, e uma rigorosa selecção, o primeiro prémio foi conferido a uma linda valenciana, cuja trança de cabelo, além da sua aliciança beleza, media um metro e noventa centímetros. Convém acentuar que o número de concorrentes foi tão numeroso que o juri levou três dias a examinar as tranças das ousadas raparigas, que assim procuravam defender, com uma admirável segurança em si proprias, a sua beleza, e a beleza das tradições do seu belo país.

Um simpático representante da «America Legion»



ALMOÇO

Ovos em omelete com salsa
Dobrada de fricassé à francesa
Bifes à inglesa

JANTAR

Sopa juliana
Maionése de camarão
Mãosinhas de carneiro guisadas
Frituras de couve flor
Lombo de vitela assado
Farofias

ALMOÇO

OVOS EM OMELETE COM SALSA

Depois de partidos os ovos para um pires ou uma chícara, para verificar se estão frescos, batam-se com sal, pimenta em pó e bastante salsa picada. Depois de batidos, deitam-se numa frigideira sobre manteiga fervente e completa-se a omelete.

DOBRADA DE FRICASSÉ À FRANCESA

Lava-se a dobrada em muitas águas, raspa-se e escalda-se. Em seguida, põe-se a cozer em água, salgada, com cenouras, cabeças de nabos, pimenta, cebolas inteiras e um cravo da Índia. Quando está quasi cozida, tira-se do lume e deixa-se em repouso até ao dia seguinte. Então põe-se de novo ao lume, até completar a cozedura.

Numa caçarola à parte põe-se uma cebola picada com bastante manteiga, e, quando a cebola está loira, corta-se a dobrada cozida em bocadinhos e deita-se no refogado, acrescenta-se o molho com uma porção do caldo da dobrada, convenientemente passado, no qual se tem desfeito um pouco de farinha de trigo. Deixa-se ferver este guisado por cerca de dez minutos, tira-se do lume, e, quando está para servir-se, juntam-se-lhe gemas de ovos, salsa picada e sumo de limão, voltando ainda uma vez ao lume por pouco tempo, para dar uma cozedura às gemas dos ovos. Serve-se em seguida num prato coberto.

BIFES À INGLESA

Para fazer, classicamente, estes bifes, é preciso um fogão e uma grelha com disposições especiais.

Escolhe-se uma carne muito tenra, da qual se cortam fatias muito grossas, que entaladas entre duas grelhas, se metem na abertura dum fogão com lume forte dos dois lados. A acção do fogo intenso coagula rapidamente a albumina da superfície da carne e cresta-a, deixando o interior dela, aliás bem passado, com sucos duma cor viva de sangue.

Estes bifes costumam servir-se com batatas cozidas e só se temperam no prato, com manteiga, pimenta, mostarda, etc.

O aspecto sangrento da carne — quando os bifes são bem frescos — não indica, como pode parecer, que ela esteja crua.

JANTAR

SOPA JULIANA

Tomem-se duas cenouras, um nabo, um alho verde, a quarta parte duma couve lombarda, algumas folhas de azéda e de cerefólio e cortem-se as cenouras, nabo, alho verde e couve em pequenas tiras.

Ponham-se numa caçarola 30 gramas de manteiga, aqueça-se, juntem-se as hortaliças, um pouco de sal e uma pitada de açúcar; deixe-se refogar um bocadinho, acrescentem-se dois litros de água e, quando ferver, deitem-se as azédas e as folhas de cerefólio, deixe continuar a fervura brandamente, prove-se, junte-se mais sal, se for necessário, e sirva-se.

Esta é a sopa Juliana considerada de magro na cozinha francesa. Em geral, entre nós, substituem-se o alho verde e o cerefólio, que poderão substituir-se por outras ervas aromáticas, tais como a hortelã.

Quando se prepara a sopa Juliana e se faz panela de carne, emprega-se o caldo da carne

DO LAR

ARTE APLICADA

PINTURA A PÓS DE LÃ

HOJE a moda lançou a pintura a pós de lâ.

De certo já qualquer de vós teve ensêjo de admirar vários objectos, uns de vidro com jarras, taças de cristal, etc.; outros (tais como almofadas, tapetes, etc.) confeccionados em tecidos diversos — lâ ou sêda, — e perguntou, surpresa, como se conseguia formar variegadas e lindíssimas figuras a côres (flores, frutos, ou motivos ornamentais) com aspecto de veludo sobre-saindo em relêvo sôbre o vidro, sôbre a sêda ou sôbre a lâ?

Eis como se procede:

Suponhamos que é uma almofada que vós quereis executar por este processo.

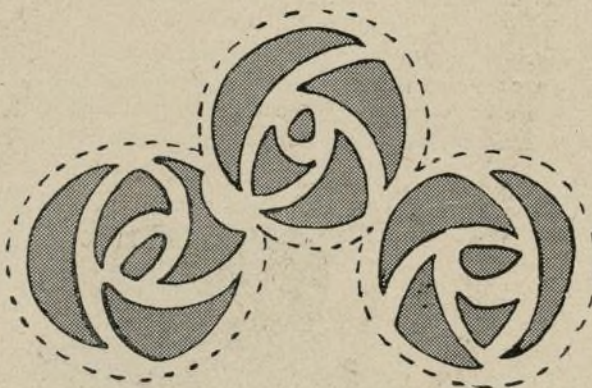
Depois de escolhido o feitio da almofada e de talhada esta sôbre o tecido de que a quereis feita desenhase, sôbre uma folha de papel que poderá ser, singelamente papel Prado, um motivo de «Pochoir». Todas vós conheceis este processo, já velho mas sempre usado e mais util, talvez, de quantos há por aí em matéria de Arte Aplicada.

Recorta-se, pois, o motivo desenhado em papel. Seja esse motivo, por exemplo o da fig. 1: três rosas estilizadas que algumas folhas completam. Depois de recortado, applica-se sobre as rosas um pedaço de papel vegetal sobre o qual se decalca

meira vez, mas um pouco mais para fóra do contôrno externo (ver fig. 2). Faz-se o mesmo para as folhas.

Compreende-se que estamos a fazer umas «máscaras», destinadas a tapar os trechos que não quizermos pintar enquanto estivermos pintando outros.

Estica-se, primeiramente, o tecido de que vai ser feita a almofada (suponhamos que é linho grosso) sôbre uma mesa.



(Fig. 2)

Bem estendido o linho, applica-se sobre este uma leve camada de cola forte, que se alisa toda por igual por meio de pincel. Feito isto, coloca-se o primeiro «pochoir» ou estampilha que se segura com pioneses.

Tapa-se com a máscara de contôrno as folhas, para só pintar, agora, as rosas. Começa-se então a espalhar sôbre esse primeiro «pochoir» o pó de lâs. Este pó que a principio se fazia em casa cortando muito miúdo lâs de diversas côres (cada cor em separado), vende-se presentemente nas boas casas de papelaria. Há o pó de lâ para a pintura sôbre linho, etc., e há também o pó de sêda e o pó de prata ou de ouro para o mesmo processo-feito sôbre sêda ou setim.

Espalhado por igual o pó de lâ sôbre o 1.º «pochoir», tiram-se as máscaras das folhas e colocam-se sôbre as rosas as máscaras do contôrno destas, a que acima aludimos. Passa-se então a pintar as folhas, espalhando o pó de lâ, como fizemos para as rosas. A única diferença consiste em que, para as rosas nós escolhemos o pó de lâ em tons roseos, vermelhos ou amarelo de ouro; e para as folhas recorremos aos tons verdes.

FINETTE.

FRITURAS DE COUVE FLOR

Dá-se uma fervura à flor da couve em agua e sal, tira-se da água, escorre-se, separa-se em raminhos, que se molham em ovo batido e se envolvem depois em pão ralado, pondo-se em seguida a fritar.

LOMBO DE VITELA ASSADO

Toma-se o lombo, lardeia-se no sentido do comprimento, polvilhando-o com sal, untase com um pouco de manteiga e leva-se ao forno a assar sôbre uma grelha com uma aparadeira por baixo. Serve-se com agriões.

Elementos a empregar

Leite, 1 L, 5; Claras de ovos, 6; Gemas de ovos para o creme, 4; Açúcar pilado 200 gr.; Baunilha, 9 b.

Batem-se as claras até ficarem em castelo e, depois de batidas, deitam-se com colher grande em leite fervente que as cose, conservando-lhes o volume. As farofias resultantes da cozedura tiram-se do leite com escumadeira e deitam-se em vasilha cova.

Depois de acabada a cozedura, prepara-se com o resto do leite um creme, que se lança na vasilha onde estão as farofias, correndo sôbre elas.



QUEM diz «Mulher», diz «Beleza», tanto em nosso espírito vive a convicção de que, para a Mulher, a primeira virtude consiste no ser bela. Quem diz «Beleza», diz «Mulher» — e quem scisma numa bela mulher não anda muito longe de scismar no Amor.

Claro está que, para que a Mulher seja perfeita, não lhe bastará sômente a beleza física: necessita, a completar esta, cingindo-a por assim dizer duma auréola de beleza inda maior a iluminar-lhe o rosto, olhar, a figura toda, necessita — digo — do retoque divino que se chama a bondade da Alma.

Só esta pôde irradiar aquela surpreendente luz interna que se nos assemelha com a de dentro de alma, e que afina, harmonisa, modela cada feição em um delicadíssimo véu de mistério luminoso... Não disse Victor Hugo: «Sa plus grande beauté, c'est la beauté du cœur»?

E aqui, notemos certo facto que sublinha a feminina beleza: Se uma bela mulher, sabendo que o é, mostra sabê-lo, — fica desde logo menos bela no olhar doutrem. Ser bel semelhante ignorá-lo — eis o segredo da maior beleza. Graça, inocência, frescura vêm acrescentar-se à natural beleza, e agirmos tal como se de todo ignorassemos ser tão belas...

Chamfort gostava também de afirmar «que as mulheres apenas precisam de se belas». E é de notar que, ao falar-se duma mulher, aqueles que a não viram ainda perguntam logo: — «É bonita? É bonita?» (vulgo, porém, não entende, na sua mal concepção de beleza, aquela a que acima aludimos e que só os inteligentes sabem ver apreciar como a única susceptível de impressionar devéras).

Portanto ao encetarmos estas palestras sôbre a Beleza feminina, ao começarmos os nossos conselhos sobre os melhores processos para conseguir adquirir-se ou conservar a Beleza, não percamos de vista que a serenidade de alma, reflectindo-se sôbre o rosto, conserva e auxilia a correcção das feições, enquanto que as paixões violentas e más prejudicam perigosamente a beleza do rosto feminino.

Mas como, porém, a vida nem sempre favorece a necessária serenidade de alma, e a febril existência actual tende a prematuramente envelhecer-nos, façamos uma cura de repouso, cada dia, a uma hora em que este jâmos sós e socegadas, uma breve mas preciosa cura de repouso: Ou na hora matinal que sucede o despertar; ou à tarde, após o sol quando tudo socega; ou então à noite, antes do adormecer: Fechemos os olhos, deixemos em descance todas as fôrças, e repousemos assim uns dez minutos, sem contrair um traço, sem estremecer uma pálpebra.

E, nêsse curto lapso de tempo, que os nossos pensamentos sejam também de quietude, de beleza, de serena alegria. Esta cura quotidiana de repouso é necessária, indispensável. Ora experimental, — e vereis como dentro em alguns meses as vossas feições terão lucrado em maior formosura.

E de aqui, nós, gostosamente, iremos ensinando a quantas de nossas gentis leitoras desejem conservar ou melhorar sua beleza, as mais racionais, as mais seguras e as mais modernas receitas destinadas ao aperfeiçoamento da sua formosura.

MARIA TEREZA.

FUNDO DE TABOLEIRO

EM

BORDADO EM RICHELIEU

AS CEREJAS

Tão bem acolhidos foram os modelos de bordados que em seu primeiro número *Voga* teve ensejo de oferecer às suas leitoras, que, animada por tão bela recepção, ela escolheu logo dois novos desenhos não menos úteis nem menos modernos que os primeiros. É, para abrir esta página, um lindíssimo fundo de tableiro, o qual intitulámos: *As Cerejas*. São realmente graciosos cachos de cerejas que, bem estilizados, cercam elegantemente todo o desenho, em cujo centro um lindo ramalhete, de cerejas também, se ostenta, rematando o conjunto com muita graça.

É conveniente bordar sempre em primeiro lugar as *brides*, que assim ficam mais bem presas no bordado. Ao recortar é indispensável o maior cuidado, pois, sendo o desenho muito recortado, nada mais fácil do que, sem querer, a vossa tesoura ir cortar uma das *brides*, o que vos causaria uma pequena sensaboria, remediável é certo mas que facilmente se pode evitar com um pouco de cautela.

Concluídos todos os cachos de cereja, borda-se, em todo o redor do pano, um ponto de recorte um tanto grosso para que fique mais moderno e mas sólido.

Vereis que fica lindo, e, ao servir o vosso chá, ireis assim causar a inveja das vossas amigas, com a vista de tão formoso fundo de tableiro.

Os Nossos BORDADOS

minúsculas que, uma vez vestidas pelos bebês, se tornam verdadeiras obras de arte.

Contem, portanto as nossas leitoras com a nossa boa vontade em lhes dar sempre as últimas novidades da moda infantil.

Ainda umas palavras: Em cada página de bordados inseriremos um modelo em tamanho natural ara que possa ser decalcado

leitoras e uma vez mais me ponho ao dispor de todos, porque assim será a forma de tornar perfeita a nossa revista.

Para a semana tereis de novo notícias da vossa amiga, por vezes importuna, que é:

REINE CLOTILDE.

UM AVISO IMPORTANTE
ÀS LEITORAS DA VOGAUMA NOVA SECÇÃO DA NOSSA
REVISTA

Saúdo o primeiro número da *Voga* ouvimos muitos aplausos e escutámos muitos conselhos. Um deles mereceu a nossa imediata atenção e para o seguir demos os passos necessários da melhor vontade, porque ela nunca nos falta quando se trata de cumprir um desejo das nossas genti-



líssimas leitoras.

Várias pessoas nos pediram moldes: os moldes das *toilettes* de que publicamos as gravuras. É justo e muito

agradável é fazermos os nossos vestidos, não só por economia como pela independência que representa para uma mulher o estar livre de passar horas esquecidas num *atelier* e ter de lá voltar, sabe Deus quantas vezes, para poder usar a *toilette* que encomendou.

Voga entregou esse encargo a pessoa habilitadíssima, que já no próximo número dirá às nossas leitoras o que sobre tal assunto se lhe oferecer.

Haverá sempre o máximo cuidado em que os figurinos de que oferecemos o molde sejam uma criação duma casa de nome e ao mesmo tempo que não seja demasiado difícil a sua execução.

segundo o costume sobre o papel vegetal. Dos outros bordados que apresentamos em redução podemos, sob pedido dirigido a esta redacção, tomar encomenda.

Essas ampliações serão feitas no tamanho indicado na encomenda e pela sua execução perfeita nos responsabilizamos. O seu preço também será ao alcance de todas as bolsas. Queremos que ele seja uma das mais úteis formas de propaganda da nossa revista.

Brevemente, no próximo número talvez, apresentaremos o modelo duma barra para toalha de mãos, que poderá ser a sua confecção um belo passatempo para as noites grande que vão chegar.

E, por hoje, minhas amigas: «Bonne chance...»

Despeço-me com a convicção absoluta de que me não esqueci dos desejos das minhas

ENCAIXE PARA CAMISA

Na moderna roupa branca, os pontos actualmente mais em moda são o bordado da Ilha—sempre lindo e de todos os bordados o mais resistente e portanto o mais duradouro;—e o ponto de Richelieu, o qual é, de quantos bordados existem, aquele que maior elegância tem, já pela sua riqueza, já pela gracilidade dos seus abertos, que o tornam, muitas vezes, igual a uma renda.

Este moderno encaixe de camisa de dia—(cujo desenho servirá igualmente para a camisa de noite, para a combinação e para as cuecas), executa-se, pois, a ponto de Richelieu e a ponto da Ilha. (Há quem chame o bordado da Ilha, bordado inglês, mas, como portuguesas que somos, e sendo esse bordado originário da nossa formosa Ilha da Madeira,—donde lhe veio o nome,—devemos chamá-lo da Ilha e não inglês.

A Richelieu fazer a rosa estilizada do centro e as duas fitas recurvas que a ladeiam. A ponto da Ilha os dois malmequeres das extremidades. É simples, borda-se depressa, e fica muito elegante.

Os nossos bordados são sempre desenhos originais, isto é únicos, pois que são inventados expressamente para a *Voga*; inspiram-se porém, e sempre, no que de mais moderno a Moda em Paris decreta.

Podem as nossas queridas assinantes e leitoras inteiramente confiarem na sua Revista, pois ela só lhes indicará aquilo que, pela Beleza, pela Elegância e pela Graça mais tende para melhor realçar a Graça, a Elegância e a Beleza da Mulher.

Muito brevemente, e a pedido de uma das nossas mais gentis assinantes, *Voga* terá o prazer de ofertar na sua página de bordados um lindíssimo desenho para almofada moderna (bordada a lãs), assim como um gracioso friso destinado a vestido de Bêbé.

Voga nos números seguintes dedicará uma especial atenção às modas infantis. Lá foram criadas verdadeiras maravilhas. Os melhores artistas e o mais habilis costumiers dedicam o seu maior carinho a estas *toilettes*

PANOS “STELLA”

RUA DO ALECRIM, 7
Esquina da Praça Duque da Terceira
TELEFONE 1277

NO DEPOSITO DAS FABRICAS encontram-se linhos, algodões, etc., a preços vantajosos por efectuares as VENDAS DIRECTAS AO PUBLICO

INCONFIDÊNCIAS EM VOZ ALTA

Duas das nossas mais brilhantes poetisas estão escrevendo uma PEÇAS NOVAS peça moderna em 3 actos para a actriz máxma da nova geração.

O trabalho vem sendo feito às ocultas de há três meses a esta parte. A pesar do mistério em que se envolveram as duas gentílimas escritoras, sabe-se que a peça—uma alta comédia cheia de originalidade—estará pronta no fim do ano.

Leitão de Barros concluiu também para Ilda Stichini, uma peça em três actos, localisad aem Lisboa, de intensidade sentimental mas toujours un peu aimable para o público...

De tempos a tempos, o lisboeta que aprecia e estima os seus artistas, e que lhes acompanha interessado os altos e baixos da existencia, sobressalta-se com a notícia de uma separação entre dois entes que viviam felizes, a beijar-se em scena, a tomar o cháinho juntos e a cirandar de braço dado pelas ruas da Baixa.

E surgem as exclamações:

— Parece incrível! Quem diria!... Era lá coisa que se fizesse!...

Passados tempos, cada qual refaz o seu ninho. São ambos novamente felizes. Ela passeia pelo braço de outrem... Ele dá o braço a muitas. E o espectador amigo acostuma-se aos novos ménages... Chega até a achar graça.

Está imminente um novo divórcio que vai dar que falar, mais do que qualquer outro.

Em compensação, há uma boa dezena de casamentos de artistas em perspectiva.

AMELIA REY COLAÇO

Por telegramas recebidos esta semana em Lisboa, sabe-se que se preparam manifestações de apreço e de entusiasmo a Amélia Rey Colaço, na noite da sua estreia no Teatro Municipal, do Rio de Janeiro.

A frente dessas homenagens encontra-se o nome aureolado de Coelho Neto, que es-



(Foto Brasil)

creveu há três anos, expressamente para Rey Colaço, a peça «O Desastre».

A ida da actriz ilustre ao Brasil não teve em mira um provável lucro de «tournée», mas sim a consagração de além Atlântico.

A sua Companhia, em que brilham os nomes de seu marido, de Leonor de Eça, de Tereza Taveira, de Maria Clementina, de Assis Pacheco e de Leitão, além de outros, vale por uma verdadeira embaixada de arte portuguesa.

Adquirem-se noções de todas as coisas lendo o

MAGAZINE BERTRAND



(Foto Brasil)

Há quem assegure a existencia de uma crise de' teatros em Portugal. Nada menos verdadeiros. O nosso publico ama e admira o teatro como nenhum outro. Entretanto as empresas atravessam uma vida extremamente difficil. Crise de espectadores. Não... por Deus! Crise de direcção e crise de produção. São poucos os empresarios, são raros os autores. Eis o verdadeiro motivo dos fracassos que diariamente se registam.

Miguel Catánella

BINÓCULO

Promovida por senhoras da alta sociedade, realiza-se por toda esta quinzena, na Figueira «OS FILHOS» da Foz, uma recita de POR AMADORES caridade em benefício

da Misericórdia local. O espectáculo constará da representação da peça de Lucien Népoty, tradução de Avelino de Almeida e Dias Costa, «Os Filhos», estando o desempenho confiado a distintíssimos amadores.

Ilda Stichini aceitou, desvanecida, o convite que lhe fizeram para ensaiar a peça, prontificando-se também a interpretar um papel.

Aura Abranches, a criadora inesquecível da «Menina do Chocolate» e da «Ga- A REAPARIÇÃO DE rôta», regressa ao AURA ABRANCHES teatro.

Eis a boa nova que circula nas rodas artísticas e que alvoroça os conversadores pacatos dos cafés.

Aura Abranches formará com sua mãe, a grande Adelina, uma Companhia de comedia e drama, a que se juntarão os nomes de Antonio Sacramento, Grijó e de Maria Cristina, uma das esperanças mais radiosas da nossa scena.

Estão em moda as «tournée» às Ilhas. Porque são rendosas, nem mais. E porque os madeirenses RUMO e os açoreanos cõbrem de flô- AS ILHAS res os artistas do Continente.

Nisto tudo, vai uma pontinha de saudades, para uns; de amor pátrio, para todos.

Mesmo aquêles que não foram endeusados como Rey Colaço, estiveram em festa permanente.

A gentil recepção nunca é negada ao artista que vive da sua arte e que dela faz um sacerdócio.

A seguir à Companhia Ilda Stichini, a de Cremilda de Oliveira e a que tem como primeira figura Hortense Luz, esta sob a direcção de Eduardo Raposo, farão rumo às Ilhas.

UMA ANEDOTA POR SEMANA

Tina di Lorenzo recebeu um dia uma carta atrevida de um admirador:

«Fui ontem vê-la em «Dama das Camélias». Fiquei extasiado. Estou louco de paixão por si. Peço-lhe um encontro. Quero da sua boca apenas um beijo. Tantas vezes beija em público o Armando Duval...»

Responden-lhe Tina di Lorenzo:

«Não tenho dúvida em conceder-lhe o beijo que me pede, mas em scena, desde que o senhor possa representar comigo o Armando Duval da «Dama das Camélias».

(Foto Brasil)

OS MAIS LINDOS OLHOS DA SCENA PORTUGUESA

QUEM OS POSSUE?

DEVIDO AO EXITO QUE ALCANÇOU, ESTE CONCURSO PROLONGAR-SE-HÁ ATÉ AO NÚMERO 4.

VOGA PUBLICARÁ UM COUPON QUE AS NOSSAS EX.^{mas} LEITORAS RECORTARÃO, INDICANDO O NOME DA ARTISTA QUE LHES MERECE A PREFERÊNCIA.

VOGA ENTREVISTARÁ A VENCEDORA DO CONCURSO — A QUE MAIOR NÚMERO DE VOTOS OBTIVER — ACOMPANHANDO ESSAS IMPRESSÕES DE AMPLOS DADOS BIOGRÁFICOS E DE UMA DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA ESPECIAL.



A MULHER ATRAVÉS DOS TEMPOS

DIZEM que a mulher é inferior ao homem! Não é inferior; é diferente. É a «mãe»; ele é o «pai». As capacidades destes dois seres equivalem-se. O amor é que as harmoniza; dessa harmonia brota a vida da humanidade. Não há, portanto, entre esses dois elementos relação de inferior para superior.

Através da vida a mulher é a companheira do homem, sua igual e não sua escrava. Ambos são criadores tanto da vida física como da vida psíquica da sua espécie.

Se a vida pede sacrifícios ao homem mais os pede ainda à mulher. O encargo pesado da maternidade confere à mulher uma função social cujo alto alcance é geralmente mal apreciado. A mulher não recua perante a morte que em torno dela adeja no momento em que um novo ser se lhe desentranha do seio, porque tem a consciência lúcida do seu papel de criadora. Para ela a vida psíquica vale mais de que a vida física: a beleza, a verdade, o amor, a força moral imperam nela mais do que no homem.

Falsamente se atribui à narrativa bíblica da tentação da mulher pela serpente junto

da árvore paradisíaca do bem e do mal, a subordinação da mulher ao homem, pela maldição divina. Não, o castigo não incidiu apenas sobre a cabeça de Eva; Adão não foi menos castigado. A pretendida subordinação feminina, vista através dos tempos, fundamente-se scientificamente no facto fisiológico de ser a mulher quem concebe e cria, consagrando largo tempo da sua vida a essas duas funções que a reteem junto dos filhos, enquanto o marido lá fora labuta e combate pela conquista do pão quotidiano necessário à vida da família. Vida doméstica interna para a mulher, vida externa, livre, para o homem, eis em que consiste a tradicional e milenária inferioridade da mulher para com o homem.

*
* *

Curiosa e instrutiva é a história da mulher através dos séculos. Se da Ásia nos veio, para a Europa a civilização primitiva, a maldição da mulher, da Ásia nos veio também. Contra esse preconceito, «filho da

ignorância», debalde a mulher tem tentado lutar e, devemos confessar, essa luta promete prolongar-se ainda por largo tempo, tanto no Oriente como no Ocidente. Por toda a parte, a mulher continua ainda hoje a ser considerada inferior ao homem. Este, na fase poética do Amor, rende preito à mulher, divinizando-a quasi; mas, a breve trecho, inverte os termos e volta a depreciar a sua companheira, negando-lhe sequer a igualdade. Para o reconhecer, basta comparar a legislação de todos os povos, na antiguidade, na Idade Média e nos tempos hodiernos.

É um erro assás comum julgar que, na alta antiguidade, o «matriarcado» constituía para a mulher, socialmente uma superioridade. O matriarcado, fase social em que os filhos eram designados pelo nome da mãe, porque então existia a poliandria, não dava à mulher nenhuma superioridade real sobre os homens, que sucessivamente ou simultaneamente a desposavam; antes pelo contrário, porquanto ao maior número dos maridos correspondia número maior de filhos, e enquanto os homens livremente vagueavam, na caça ou na guerra, ou procuravam angariar o sustento da família matriarcal, a mulher era a escrava do lar, cuidando da numerosa prole e preparando o repasto da comunidade familiar. Daí a subordinação social do sexo feminino ao outro sexo. Era uma necessidade das sociedades desse tempo.

Durante esse período todos os homens defendiam e sustentavam a mulher matriarca; mas esta era para eles a serva doméstica, prestigiada embora pelo culto da tribo que a reconhecia como sendo tronco em torno do qual se reunia toda a família.

Confessamos que esta situação não protegia senão as necessidades materiais da mulher. A sua vida psíquica, os seus sentimentos íntimos, como ente racional, já desprendido da primitiva animalidade, havia de sofrer dessa miserável condição. O Amor inato no seu peito, não podia, decerto, conformar-se com a poliandria a que os costumes a forçavam. E pensar que ainda hoje há povos de civilização rudimentar em que a poliandria se perpetua!

A sombra de superioridade que alguns julgavam encontrar em favor da mulher no domínio da poliandria desaparece, quando nesse domínio se enxerta o patriarcado mais ou menos imperfeito. Então a mulher perde o modesto culto de que no matriarcado era alvo e passa a ser a escrava dos seus maridos.

A poliandria sucedeu a poligamia, embora aquela primeira forma de união conjugal permaneça ainda nalguns pontos do globo. Constituirá a poligamia um progresso social para a mulher? Não creio, ainda que nas sociedades, em geral, cada nova instituição represente um passo progressivo sobre a instituição anterior. Se a natureza física e psíquica do amor, na mulher, é pouco compatível com a poliandria, essa mesma natureza mal se coaduna com a poligamia. Demais esta segunda forma da união conjugal, tão vulgar ainda hoje nos povos orientais, de civilização já adiantada, para não falar dos selvagens, coloca a mulher numa situação dolorosa de rivalidades, ciúmes, intrigas, de que até as narrativas bíblicas dão testemunho.

Sob o ponto de vista do progresso geral, poderemos admitir uma certa justificação da poligamia. As sociedades haviam já tomado situações mais desafogadas: tinha sido criada a especialização das funções, organizando-se outras tantas classes; o aumento da produção permitira a acumulação de riquezas nas mãos de alguns; estes podiam dar-se o luxo de possuir, cada um, muitas mulheres. Por outro lado, as circunstâncias sociais de então, e que ainda hoje não desapareceram de todo faziam predominar em número de representantes adultos o sexo feminino sobre o masculino. Mal armadas para as lutas da vida, as mulheres procuraram o amparo dos homens e, como estes eram menos numerosos, sujeitaram-se elas à poligamia. Estabeleceu-se então o patriarcado com todo o seu predomínio.

Materialmente melhorou a situação da mulher; mas não podemos afirmar que moralmente tivesse melhorado.



Um tipo de beleza nipônica

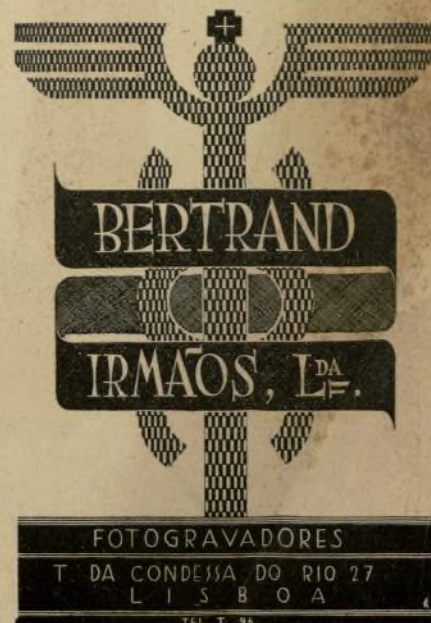
A poligamia, nos tempos mais remotos e hoje ainda nos povos de civilização rudimentar, fez da mulher a escrava do homem. Esta situação criou a escravatura feminina que se traduziu em práticas comerciais ou de rapina usadas até mesmo na Europa em períodos históricos. A esogamia, isto é, o rapto das mulheres duma tribo vizinha, para contraírem aliança forçada com os captores da outra tribo, foi uma consequência dessa nova instituição conjugal. O famoso rapto das Sabinas pelos romanos antigos é uma reminiscência da esogamia.

Esta abundância de mulheres na posse dum homem provocou uma especulação gananciosa. O marido polígamo transformou as suas mulheres em servas, obrigando-as a trabalhar para ele e, quando se lhe oferecia ocasião, não tinha pêjo em vendê-las como escravas. Nesta ínfima condição, a mulher deixa de ser uma pessoa, passa à categoria de animal ou de coisa, e o marido, o senhor, tem ainda o direito de dispor da vida da sua vítima.

Não imagine o leitor que com estas considerações temos como coisa certa que a mulher dessas remotas eras possuía já os sentimentos d'edignidade e de pudor da mulher actual. Seria isso um erro imperdoável. Todavia não podemos esquecer que os sentimentos de liberdade e igualdade são inatos nos entes humanos e até mesmo em muitas espécies animais; por isso admitimos positivamente que a mulher primitiva sentisse movimentos de revolta contra a inferioridade e servidão a que o homem a forçava.

(Continua)

VISADO PELA COMISSÃO
DE CENSURA



Egípcias tirando água

O que a Moda nos promete



Estudo de cabeça
Um penteado interessante
(Foto Henri Manuel)



LISSOA está longe dos polos, não é uma cidade fria, é quando muito uma cidade desconfortável por culpa dos seus moradores, mas, a pesar de nunca mostrar neve nas ruas, nem os seus telhados vestirem um manto alvo de geada, as lisboetas tem que pensar a sério, desde já, no arranjo de toilettes que as defendam do nordeste que chega. Os modelos da nossa página dizem a última palavra do que na quadra presente tem criado a moda francesa. A linha geral não mudou muito. É quasi a mesma da estação pas-



Toucado para teatro (Modelo da CHÉREY) (Foto Henri Manuel)
«Robe de chambre» em mousseline verde
pálida, guarnecida de crêpe de seda igual
(Casa BIANCHI) (Foto Manuel, Frères)



Arranjo de penteado
e estudo de mãos
(Foto Henri Manuel)

Para gala, o chapéu de setim ou de veludo incrustado de uma linda aplicação de «strass». Um formosíssimo neste género, é o modelo hoje oferecido por Voga às suas leitoras, e que estas admiraram por certo ao ver a capa do seu semanário: É da casa Cora Marson. Todo de veludo azul, guarnecido com artística aplicação de prata. Foi, na presente estação, o que de mais belo Paris criou no artigo Chapéus.

E assim Voga espelhando em suas páginas de Modas o que Paris inventa de melhor, Lisboa poderá, pelas elegâncias das suas habitantes, colocar-se a par das mais elegantes parisienses.

MARIA LUCIA.



Jaquette «Tête de nègre»
(Modelo da casa ROSSIGNOL)
(Foto Manuel, Frères)

«Toilette» de noite, setim azul, coberto
de mousseline, barra «lèvre gris»
(Casa STYLLS)
(Foto Henri Manuel)

sada, sofrendo tão somente aquela modificação que a espessura do tecido deve necessariamente impor. Continuam as guarnições de barras, farras, de peles nos casacos de inverno. O tom «beije» vem sempre merecendo as boas graças das nossas elegantes, o mauve, porém, é quem conserva ainda os seus foros de cor preferida. Apareceram nos últimos modelos de vestidos de noite os enfeites de «strass» desde a pequena «paillette» até ao bloco lapidado com dimensões parecidas com as do Regente ou do Grand Mogol. Continua a ver-se a astrakan em guarnições de «abajos», mas a grande moda, o «dernier cri» em casacos, é o «veau-morido» e a pele de serpente. Dessa última criação da moda damos gravura e ela melhor diz do que todas as descrições que pudésemos fazer.

Nos vestidos interiores, a sãia usa-se, ora plissada em preguinhas estreitas — e quanto mais estreitas mais elegante se torna o vestido — podendo ser a sãia toda às pregas ou estas aos grupos; — ora franzida, ao de leve, se o vestido for «trotteur», e larga e artisticamente sendo a «toilette de soirées».

Casaco de inverno
em pano «clausé», beige
(Casa BERNARD)
(Foto Manuel, Frères)

Criação JEAN MACYNS
(Foto Henri Manuel)



«Toilette» para noite
(Criação da casa GRANDJEAN)
(Foto Henri Manuel)

Vestido de baile em estilo crêpe georgette,
rosa leve «pailleté et lamé argent»
(Modelo CASA ROLLAND)
(Foto Henri Manuel)

Se acaso foi o setim o tecido que se escolheu, a moda requere menos roda para a sãia. Damos neste tecido um delicioso modelo de «toilette» de «soirée». É negro o setim, recoberto por renda negra muito fina e terminado por um cinto «lamé» de prata e de ard. Foi a última criação, para traje de noite, da casa Grandjean, de Paris.

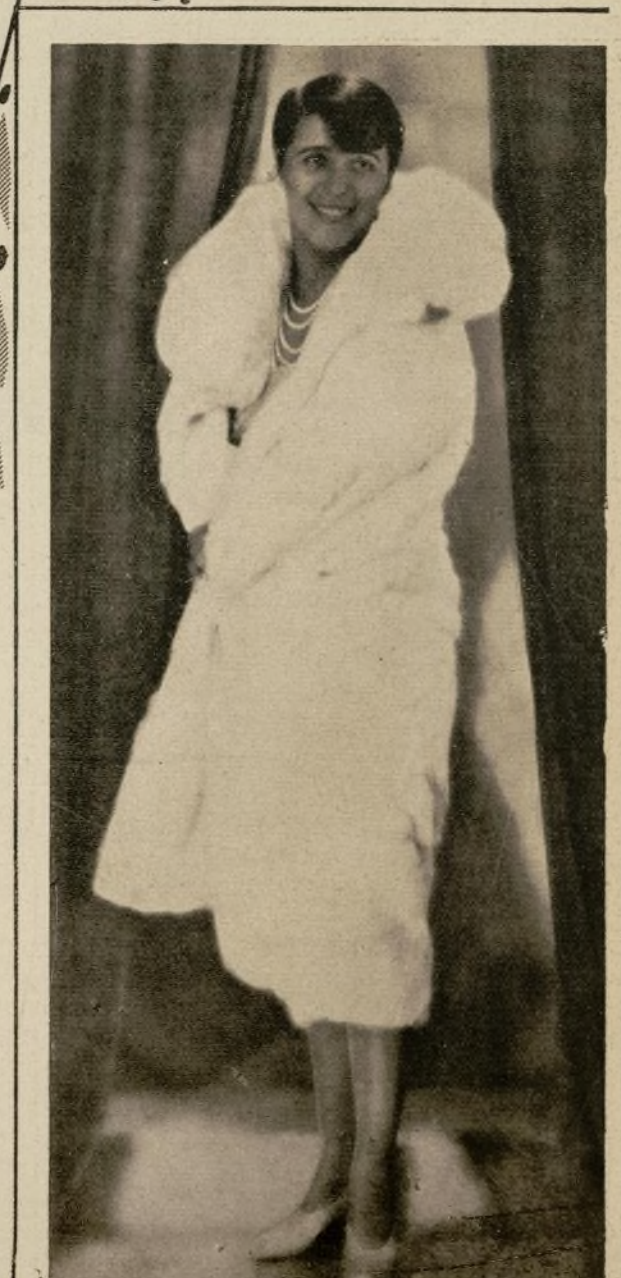
Como saída de teatro, as «scapars» de veludo ou setim; cores em voga: onjate ou gris.

Nas chamadas «toilettes» de villes usa-se, e cada vez mais, o vestido «veston», com ou sem mangas. Quando este não tem mangas, estas fazem-se do próprio vestido. O «veston», é em geral bordado a cores e pontos inspirados nos bordados da Rouennais. A moda ordena que os tons do bordado sejam de tonalidades condizentes com as das cores do vestido.

No assunto «chapéus», o feltro impera de novo, em dois tamanhos: ou o feltro pequeno e «yeux»; ou o chapéu de aba recurva ensofrendo ao de leve um rosto juvenil.

Casaco de pele de serpente
(Último modelo em voga)
(Foto Manuel, Frères)

Salida de baile em arranhão
(Modelo ALICE BERNARD)
(Foto Manuel, Frères)



Os talismans... os amuletos... os bons e os maus preságios... Não vos aprez, leitoras minhas, saber algo exacto a respeito destas crenças, tão antigas como a própria Humanidade? Há superstições tão interessantes! há-as pintorescas, há-as até ingénuas e comoventes como o sentimento de amor que as inspirou... Há também os preságios fatídicos, o terrível avisar da Desgraça que se aproxima, fatal, inevitável, esmagadora...

O que é um amuleto? O que é um talisman?

Amuleto é um objecto a que se atribui a



Anel grego com o escaravelho egípcio

propriedade de afastar, de indeterminada maneira, os acontecimentos desagradáveis em geral.

Talisman é o objecto cujo carácter consiste em exercer uma acção positiva, e restrita a este ou àquele determinado fim.

Os amuletos usam-se, necessariamente, presos à pessoa. Nem sempre sucede o mesmo com o talisman.

A origem duns e doutros data da mais remota antiguidade. É sua pátria o Oriente. Os Caldeus, os Persas, os Egípcios, mais tarde os Hebreus; e depois, no Ocidente, os Gregos e os Romanos usaram correntemente amuletos e talismans.

Ainda hoje elles se encontram, e não só por entre os povos mussulmanos e nas tribus selvagens, mas até no seio das mais requintadas civilizações europeias. O seu número é sem conta; por isso não tentarei eu a todos enumerá-los, limitando-me a indicar-vos, Senhores, aqueles que foram, em todos os tempos, os mais afamados, os mais favorecidos da confiança dos pobres humanos.

Começando pelos amuletos: Quem não conhece a suposta efficacia da corda de enforcado, ou do trevo a quatro folhas; duma ferradura achada por acaso em uma estrada? Ai estão três objectos considerados suficientes para dar a verdadeira Felicidade, a quem consigo os trouxer sempre, e com poder bastante para afastar da casa do seu dono toda e qualquer desgraça.

Criança que use um colar de contas de âmbar tem, segundo o diz a crença, probabilidade maior de gosar de saúde e boa sorte.

Passêmos a falar nos talismans:

O agarico preserva dos malefícios. Data esta reputação do tempo dos druidas gauleses.

As joias cujo feitiço imita a forma da serpente, possuem — segundo o diz o povo — a virtude de afastar os animais venenosos. — Supõe-se que as imagens dos bichos malfazêjos afugentam esses bichos e curam as suas mordeduras.

Já no tempo de Moisés, nós vamos encontrar esta crença entre os Judeus, os quais, à ordem do Profeta, ergueram a serpente de bronze para curar aquêles que tinham sido mordidos pelos reptis.

Um quarto crescente de lua, em prata, preserva das epidemias.

Um singelo pedaço de estanho dá a prosperi-



Amuleto grego

TALISMANS, AMULETOS E PRESÁGIOS

dade no comércio. Um bocado de cobre — o metal que simbolisa a deusa Venus — apaga o ódio ou faz nascer o amor.

O som do cobre teve, durante muito tempo, fama de apagar ou desvanecer do coração quaisquer vestígios de mácula, e de afugentar os espíritos infernais. O som d'este metal actua, segundo dizem — em proporção à sua intensidade. Foi devido a essa crença que se inventaram os sinos — e bem haja pois tal crença, que nos deu, descida lá do alto dos campanários das igrejas, a voz bem-dita dos sinos! Usaram-se estes, primeiro, para acalmar os temporais e afugentar os demónios; só mais tarde os sinos serviram ao culto divino.

A figura de dois peixes com a cabeça voltada cada uma para seu lado, sendo gravada em ouro ou prata, cura da gôta.

Os caroços das três primeiras cerejas que se comêrem no ano, devem-se guardar cuidadosamente, pois dão sorte nas lotarias.

Se uma donzela, arrancando um dos seus cabelos, o encerrar na bainha do vestido duma noiva, casará ela própria antes que um ano seja volvido.

Uma flor natural de laranjeira, tirada da grinalda duma noiva, confere a felicidade conjugal.

E que melhor presente e mais precioso podereis oferecer a uns noivos, do que dois saleiros de prata (que lhes entregareis separadamente, um a cada noivo)? Estes objectos conservar-lhes-hão, toda a vida, a paz do lar. E não valerá a paz doméstica todo um tesouro?

Um galho de urze em flor traz consigo a alegria.

Uma haste de junquillo, sendo oferecida no dia primeiro de Maio, assegura à pessoa celibatária que a receber um próximo casamento, e o que mais é: um feliz casamento! Os alfinetes que prenderem o véu da noiva são sempre muito procurados pelas meninas desejosas de casar em breve.

A flor da giesta cura das verrugas, con-



Escaravelho estilizado

quanto a nós tenhamos o cuidado de a atirar para trás das nossas costas, logo após tê-la roçado pelas verrugas.

Atraver-me-hei a dar-vos certo conselho, certo conselho algo perigoso, minha jóven leitora? — Sim, atrevo-me, porque sei não irdes vós abusar d'esse conselho: Sois mulher ajuizada. Ora escutai:

Se quizerdes ser, no vosso futuro e — estou certa disso, — próximo lar, a senhora, isto é: quem governa, — tende o cuidado, no dia do vosso casamento, quando o esposo enfiar no vosso dedo rosado o simbólico anel, de dobrar ao de leve esse dedo, de forma a que o anel não desça mais abaixo que a segunda falange; vós própria o acabareis de colocar. O delgado círculo de ouro tornar-se há, assim, um talisman de domínio, ou pelo menos de independência.

Uma hastesinha de funcho destroi os efeitos duma maldição.

Uma mancheia de sal, deitada na lexívia, guarda de doença aqueles que vestirem a roupa d'este modo lavada.

Se quizeris ter farta cabeleira e comprida, exponde-a ao luar durante o período crescente de Febe.

Queimar incenso guardar-nos há de pesadelos.

A pedra de carbúnculo, ou rubi muito brilhante, dá alegria e espírito; a esmeralda confere previdência.

O coral preserva do raio; a turquesa res-



Colar de escaravelho egípcio

guarda-nos das quedas; a ametista afasta a chuva de pedra ou saraiva.

Os diamantes desvanecem a melancolia. — Que dizeis disto, leitora minha melancólica? Que bem fica à vossa formosura tal remédio! — A ágata cura mordeduras de aranhas e escorpiões; a safira tem idêntica virtude.

Enfim, a pedra de jaspe faz parar o sangue vertido pelo nariz e tôdas as hemorragias em geral.

Diziam os Romanos, falando a respeito dos Mágicos: *Possunt quia posse videntur* — eles podem porque parecem poder. E não pronunciou Jesus, um dia, as seguintes palavras: «Se tivésseis um tanto de fé tamanho como um grão de milho, diríeis àquela montanha: Muda-te daqui para acolá! — e ela mudar-se-ia?»

Digamos agora algumas palavras acerca dos preságios, que, pela mesma razão que os amuletos e talismans, foram desde tempos imemoriais objecto da popular crêndice.

Já por entre os povos ários do Oriente e do Ocidente se encontram rastros dessas crenças.

Em Roma, não se encetava empresa alguma sem ter prévia e detidamente examinado se os preságios ou agouros eram a favor de tal empresa.

Um anão, um macaco, eram considerados maus preságios. Topar no caminho com um formigueiro ou uma colmeia era, pelo contrário, um bom agouro.

Tinha o espirro, para os antigos, algo de misterioso: se espirrassem pela manhã ao levantar, já sabiam que o dia não lhes decorreria bom.

Os ratos não gosavam fama de dar felicidade. Por isso o sábio Catão, exclamava, respondendo a um dos seus criados, o qual lhe viera dizer, com rosto de pesar, que os daninhos roedores lhe haviam devorado os sapatos durante a noite:

— E então? Olha que espanto! O que dirias tu, rapaz, se fôsses os meus sapatos que tivessem comido os ratos?

Falemos porém, agora, dos preságios nos quais inúmera gente dos tempos modernos põe a sua fé:

Um saleiro cujo conteúdo se entorna pela mesa, indica desgraça pela certa.

Brasas resvalando da lareira para o chão,



Amuletos diversos

e isto sem que ninguém lhes mêxa, é um aviso de que breve chegam visitas.

Calçar as meias, ou uma só meia, do avêso, significa mau preságio; e mudar de roupa à sexta-feira é tampouco bom.

Quanto a sentar-se a uma mesa, sendo o décimo terceiro conviva, isso sei eu de muita gente que o não faria nem que lhe dessem todo o ouro das minas do Alasca!

Se, por um serão de inverno, nós estivermos, melancolicamente, scismando nalgum parente ou amigo ausente, cujas notícias se vão fazendo esperar, e se, nêsse momento, o lume da lareira junto à qual nos agasalhamos começa de crepitar lançando sobre nós mil pequeninas fagulhas, — tranquilisemo-nos: isso querará dizer que, muito breve, uma boa carta carinhosamente escrita nos vai chegar às mãos, a encher-nos a alma de alegria e de esperança.

Dizem os franceses:

Araignée du matin — chagrin; Araignée du soir — espoir!

Aranha que nós vejamos pela manhã é sinal de desgosto; à tarde ou à noite passa a ser aviso de esperança. Essa crêndice é a razão por que muita gente mata sem piedade o bicharôco que teve a pouca sorte de lhes aparecer antes do meio-dia, enquanto respeitará carinhosamente a vida do mesmo bicho, se este tiver usado da cautela de só lhes surgir quando tiverem passado uns cinco minutos após a hora do meio-dia! Calculo que — e com muito maior siso, — as aranhas devem pensar que o bicho-homem, em lhes aparecendo pela manhã, é um «bicho» de muito mau agouro!...

la-me olvidando citar, como preságio ne-



Olho místico (Egipto)

fasto, a faca e o garfo colocados em cruz! Quanto a mim, se bem que eu não faça alarde de ser um espírito forte, não consigo ver nessa maneira de colocar um talher outra coisa que não seja uma flagrante falta de bom gosto pela parte de quem pôs a mesa!

Se três mulheres estiverem estendendo ao mesmo tempo a toalha para pôr uma mesa, deve logo uma ou duas dentre ellas cessar de o fazer, senão — diz o nosso povo — isso será causa da mais velha das três morrer muito em breve.

Se por acaso alguém se gabar de qualquer coisa, se disser por exemplo: «Eu cá nunca estive doente!» — depressa, deve fechar a mão e com os nós dos dedos bater em um objecto qualquer de madeira, exclamando imediatamente: «O Diabo seja cego e surdo!» Se o não fizer, é mais que certo succeder-lhe desgraça...

Admirava-se Catão de que os áugures pudessem olhar uns para os outros sem desatar às gargalhadas. Se porém nós cometêssemos a loucura de acreditar em todos os preságios, acabaríamos por não poder olhar uns para os outros sem desatar a chorar!...

SIBILA.

O HOMEM QUE ASSASSINOU

CLAUDE FARRÈRE

TRAD. DO DR. ALBERTINO DA SILVA

(Continuação)

Não, senhor coronel! Não é Bizâncio. Bizâncio, os nossos cinco séculos otomanos mataram-na e enterraram-na. E não chore por ela: era bem feia. Veja o que dela resta, aquele grande estafermo de Santa Sofia, bordado de vermelho e amarelo, como uma camponesa abastada, que não sabe arrebitar-se. Bizâncio era rica, mazomba e entroxada. Era a velha cidade de um velho império putrefacto e ridículo. Mas a nossa Stambul edificamo-la nós com entusiasmo, porque éramos então um povo jovem e são; e repare na beleza da sua linha, grave e graciosa, com donaire da dama turca que vela o yachmak! Repare, senhor coronel: há quinhentos anos, entrámos por além, — por Top-Kapn, a Porta do Canhão, ao lado daquela alta mesquita em ruínas que, daqui, parece uma pequena bola de névoa sobre o horizonte dos telhados; — a Mihrimah Djami, edificada pela princesa da Lua e do Sol, no tempo do grande Solimão. E logo plantámos por todos os lados sobre Bizâncio, nos seus vitoriosos minaretes, como lanças de glória. Por todos os lados: veja, à direita, os do Sultão Selim, e à esquerda, os do Sultão Achmet; veja, em frente, os da antiga sultana Valideh, e por cima, os do Sultão Solimão, o amigo do vosso Francisco I; aqui os do Sultão Baiazid, ali os de Nouri-Osman, mais longe, os de Mehmed Fatih o Conquistador, e por baixo, os do Xá-Zadeh, de que só se vêem as duas pontas brancas, — o Xá-Zadeh Mohammed, filho de Hasseki, que Roxelana mandou manter. Queira voltar-se: lá está a mesquita do irmão dele, Dji-an-Djir, na encosta de Funduclí, por cima do Bósforo. Dji-an-Djir também foi vítima de Roxelana... Todas essas pedras que se levantam sobre Stambul irromperam do solo turco por furiosas arrancadas de orgulho, de cólera, de coragem ou de fé! Cimentámos-las com sangue, sangue dos infieis e nosso. E todo esse sangue, que foi preciso derramar como água, merece a estima e a amizade de um soldado como o senhor, de um belo soldado frank que sabe montar a cavalo.

E estendeu-me a sua mão. — Até outra vez, senhor coronel. O lanceiro acompanha-o, e voltará com o cavalo... Ah! ainda duas palavras: repare ali, sobre a crista de Stambul, à esquerda da mesquita do Bazar... Sim, aqueles telhados rectangulares, muito grandes, muito feios... Aí mesmo. É a Dívida Otomana. Agora, meia-volta: sobre Galata, por cima da Torre, aquele enorme edifício... É o Banco. Como vê, entre o Banco e a Dívida está o Corno de Ouro estrangulado. Pense nisso, quando ouvir dizer que a Turquia está moribunda. Até breve, inxallah!

E partiu a galope. Um relance e já lhe não vejo senão as costas com a faixa verde e vermelha atravessada, a garupa do alazão e as quatro ferraduras, como quatro carbúnculos ao sol.

Voltei a passo, demorando-me de propósito entre a multidão dos transeuntes. Esta ponte sobre o Corno de Ouro não me canso de a admirar. É sem dúvida a mais prodigiosa ponte de todo o globo terráqueo. Que indivíduos heteróclitos, que raças estrambóticas, que religiões imprevisíveis aí se atropelam, precipitando-se de Stambul para Pêra e de Pêra para Stambul! Os fezes, os turbantes, os turbuches, os bonets, os chapéus, as gorras de plumas e os tcharchafes são outros tantos rótulos de origem sobre as cabeças de todos esses homens e mulheres, vindos dos mais estranhos países. No espaço de um só vão, cruzo com soldados a cavalo e

soldados a pé, carregadores vergados sob a carga, eunucos de belo redingote cintado, um rancho pasmado de peregrinos de Bucara, que arregalam os olhos mongóis, uma carruagem de harém fechada como um esqui, quatro Persas com gorras de astracan, duas bombas de incêndio a galope, dōze damas turcas veladas, seis polícias, cinco irmãs, três dervixes, um bispo búlgaro, duas irmãs dos pobres, e umas duzentas pessoas cujo estado civil ignoro. Esqueço a balbúrdia dos inverosímeis mercadores que se aglomeram nos passeios, e que apregoam a plenos pulmões mercadorias inverosímeis, lukum de rosa, simites com anis, mel de Ângora, pastilhas do serrallo, lenços de quadrados, alfinetes ingleses, damascos, bilhetes postais, fotografias obscenas e verdadeira água de cerejas. Tudo isto por um centimo, por um centimozinho, por meio centimo: «On paras, bech paras, bech parayah!...»

II

16 de Agosto

O meu aniversário! Faço hoje quarenta e seis anos. Há bocado, passei a mim próprio uma revista minuciosa, face a face com o meu maior espelho. Parecia-me que se devia ver terrivelmente, este ano a mais que acaba de soar no meu quadrante. Pois, não, não se vê muito. O cabelo começa a grisalhar, realmente. — ainda assim, não tanto como em outros; mas, sobretudo, anela-se com abundância a despertar inveja em muitos capitães, e até em alferes. Além disso, sem espartilho, tenho sessenta e quatro de cintura; e apesar de ser pequeno, dou a impressão de ser alto, à força de me conservar sempre direito como uma estaca. E depois, entre muitas elegâncias, uso a de me barbear inteiramente, barba e bigode, e de ir assim, através do meu século, glabro como um retrato de há cem anos. Chamo-me Sévigné, que diabo! não posso assemelhar-me ao primeiro pelintra que aí apareça! — Em resumo, estas faces barbeadas são ainda bastante frescas, e, palavra de honra, é mais fácil tomarem-me por um moço janota do que por um quarentão.

Quarenta e seis anos, a pesar disso! Um janota de quarenta e seis anos. Dá-me vontade de rir. Ai! eu agarro-me à juventude que vai a fugir; não deixa de ser sofrivelmente ridículo. Quem ler um dia estas memórias que vou acumulando, caderno sobre caderno, na mesma secretária que albergou

sem grandeza nem beleza, o animal de raça que eu era, que ainda hei de ser só mais duas ou três primaveras e de igualmente usar, sem que a história dele conserve lembrança, o espírito, assás claro e altivo, que nesse animal habita...

É culpa do século xx. Eu estava destinado para tempos mais acidentados. Valeu bem a pena que nos meus tempos de garoto me enchessem a cabeça de lindas frioleiras heróicas, como meus pais não deixaram de fazer! Aos doze anos tinha eu por companheiros de recreio os heróis de Plutarco, e o Busy d'Amboise de Dumas pai. E depois? Fui húsar e sou coronel. Mas nem uma só vez entrei em fogo, e os meus vinte e cinco anos de serviço dividiram-se entre os quartéis das guarnições e os salões das embaixadas. Em vez de campos de batalha, a minha má estrela deparou-me carrusséis, em vez de cargas a comandar, cotilhons a dirigir. Deploráveis trocas. E quando dou conta, como hoje, de que os meus cabelos teem embranquecido à força de corridas e de cotilhons, em vez de embranquecerem à força de cargas e de batalhas, — caramba! parece que o coração me quer saltar fora do peito!

III

Habito, na rua de Brussa, o primeiro andar de uma casa antiga, toda envolvida em ferro. A rua de Brussa, abrupta como uma escada, assemelha-se exactamente àquelas vielas de Génova que caem a pique na via Balbi. É estreita, muito funda e sombria. O sol não se demora ali; a multidão passa por lado; e quando chove muito, a rampa transforma-se em torrente. A minha casa — os meus aposentos! os aposentos do coronel adido militar da República! — compõe-se de duas salas, grandes como igrejas, e alguns quartos pequenos, assaz incómodos. As duas salas comunicam por uma porta de arco, com esculturas à maneira turca, e é, a meu ver, o principal ornato da habitação. Infelizmente, exige o decóro diplomático, na expectativa de futuras recepções, que as minhas salas não deixem de o ser, e por isso não posso instalar a cama nem a secretária debaixo daquela pequena ogiva de ébano e de faiança. Tanto basta, para eu tomar de conta esta rua de Brussa.

(Continua.)

PARA DESENVOLVER OS SEIOS

pequenos use o FILOCOL n.º 1. Para o endurecimento dos SEIOS moles e caídos, use o FILOCOL n.º 2. Para os SEIOS duros e bem proporcionados, a fim de evitar a sua flacidez, mantendo-os sempre firmes e esféricos, use também o FILOCOL n.º 2. Assim nunca terá o desgosto de ver o seu peito caído e com uma feia aparência. Cada número 25.000 esc. Pelo correio, oculto, 26.000.

OS SEIOS GRANDES

ficam menos volumosos usando FILOCOL n.º 3. Preço 40.000 esc. pelo correio, oculto, 42.000 esc. Experimente se quer possuir um PEITO BELO E ATRAENTE. O FILOCOL não prejudicando absolutamente nada o organismo, tem feito a felicidade de muitas meninas e senhoras.

LABORATÓRIO ORCEL — Rua Barata Salgueiro, 31, 3.º — Lisboa

CRÈME IMPÉRIA D'ORCEL

PARA FIXAR O PÓ D'ARROZ

Não intoxicar a pele, nem a fazer lúrida e untuosa

SUPERIOR AOS MELHORES

PREÇO: 10.000 ESCUDOS

Remete-se pelo correio a quem enviar 11.000 escudos em carta registada ao

LABORATÓRIO ORCEL

Rua Barata Salgueiro, 31, 3.º — LISBOA

A RAPOSA BRANCA

DE AUGUSTO CARLOS BARREIROS

(Ex-socio da Pelaria Confiança)

Casa especializada em peles para abafos. Variado sortimento em malinhas de fantasia para senhora. Corte, tinge, limpa e transforma peles e malas.

1-C, Avenida Almirante Reis, 1-D

LISBOA — (Ao Intendente)

INGLEZ

Os livros *A Primer of English Speech* e *The English Student* pelo Tenente-coronel VELHO DE PALMA são os melhores e mais baratos para o estudo desta lingua.

Pedidos a AILLAUD, L.ª 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

"VOGA"

oferece ocupação, que poderá ser rendosa, a senhoras que possam dispor de algum tempo. Dirigirem-se á sua Directora. Rua Anchieta, 25

COMBATI A MINHA VELHICE PREMATURA

IMPOSTA PELOS CABELOS BRANCOS

USANDO AZEITE VEGETAL

PERFUMADO

PARA RESTITUIR AOS CABELOS A SUA COR PRIMITIVA



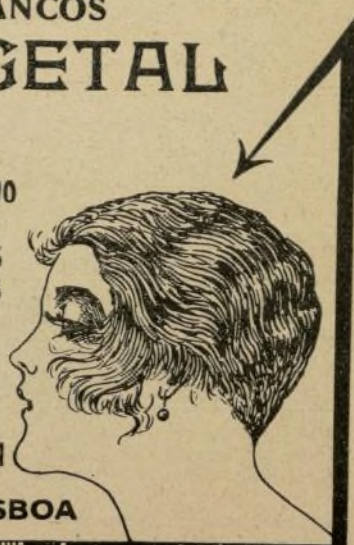
QUER TENHAM SIDO LOIROS, CASTANHOS OU PRETOS

A. S. OLIVEIRA — LISBOA

CAIXA 35.000

SOCIEDADE PRODUCTOS FARMACEUTICOS, L.ª

RUA JARDIM DO REGEDOR, 21 — LISBOA



ALMAS IRMÃS

CONTO INÉDITO DE FRANCISCA D'AYRE

HAVIA duas horas que era noite. Um luar de inverno coava pelas quatro portas de vidros do salão uma clareza opalina, muito mansa, muito vaga, unguindo as árvores nugas numa benção de tranqüillidade luminosa.

A um canto da sala, onde não tinham acendido o lustre, conversava-se.

Três mulheres trocavam impressões, filosofavam, no tom ligeiro e quasi infantil das conversas sérias entre as filhas de Eva.

Duas delas perguntavam a uma terceira que era feito do eleito da sua escolha, daquelle Raul de Melo que se chamava Raul como todos os galans e que tinha enchido de risos, de lagrimas e de nervos os ultimos três anos de vida da gentil loirita.

— O Raul já me não interessa; não era ele...

As duas riram.

— Mas tu choravas quando ele não vinha, rias quando ele chegava, irritavas-te quando ele nos dava um simples «bom dia»!...

— É verdade, fui assim enquanto ele foi para mim o Raul que eu pensava; depois vi que não era. Olhem, bastava ele ser loiro, para não ser Ele, percebem?

— Tens razão, dizem que o contraste fisico é uma das condições indispensaveis ao amor, por mim não acredito, tenho razões de peso para não acreditar...

A primeira, maldosa, voltou-lhe:

— Sim, o Fernando é loiro, o Vasco é moreno e o primo João nem é moreno nem loiro... é desbotado...

A terceira interlocutora indagou:

— E tu tens gostado de todos? Ou também nenhum deles é Ele?

— Só o último, minhas amigas, só o último, e esse ainda está a tempo de deixar de o ser...

A Loirita ficou uns momentos pensativa e disse:

— Porque será isto assim, sempre, irremediavelmente! Simpatizamos com um homem, começamos a descobrir nêlo tudo o que desejamos que ele possua em talentos, em bondade, em belesa. Criamos em volta dêlo uma atmosfera cariciosa, sonhamos com a sua sombra um sonho que não acaba... senão no dia em que lhe dizemos todo esse sonho que estava guardado no segredo da nossa alma... Porque será?

«O Raul! Eu adorei o Raul. Enquanto não falámos baixinho tudo o que nós queríamos dizer, ele foi o heroi, o poeta, o cavaleiro do grande poema que eu pensava iria ser, com ele a minha vida inteira... Agora acho-o medroso, pouco instruido, ba-

nal como todos os que não são ele ou antes, acho-o mais do que todos esses... Porque será isto assim? Dar-se-há o caso de que ninguém me entenda? Mas eu sou igual a toda a gente, não é verdade?

Tornou a falar a morena dos três noivos:

— Tu, eu, aquela, somos mulheres e eles, os homens do mundo inteiro são homens, este é que é o mal. Sômos espécies diferentes que se unem mas não se completam, almas diferentes que se encontram mas não se fundem. É isto, creiam.

«As vezes dá-se uma excepção, mas é raro. É, creio eu, o meu caso presente. Ouçam vocês; eu nunca pedi ao João perfeições nem virtudes. Para mim, era ao principio, mau e egoista como todos os homens. Eu nem olhava para ele. Durante mais de um ano não lhe soube a cor dos olhos. Mas... pouco a pouco, factos dispersos, palavras casuais, atitudes que não foram preparadas obrigaram-me a reparar que ele é diferente dos outros... O João não é loiro, é desbotado, como vocês dizem, mas é tão diferente dos loiros!

«Fui má para ele, tiranisei-o, fiz-lhe mal sempre que pude. Houve em mim durante muito tempo a volupia de o torturar. Fazia-me raiva que ele se não desmanchasse, que pela bondade, pelo orgulho, pela nobreza ficasse sempre vencedor na luta, aparentando generosamente um ar de vencido...

«Um dia falou-se no casamento dêlo e eu sem saber como encontrei-me a soluçar. Parecia que tudo se tinha afundado ao meu redor e que eu ficava sósinha, condenada á morte, no alto dum rochedo, a meio do mar... Desde então procurei reagir, esquecer tudo, repetir-me que não era Ele.

«Foi de balde, hoje sei e sei com firmeza que lhe pertenco irremediavelmente.

«É isto, minhas amigas. Apenas isto, e isto é muito, não acham?...

De fora tamborilaram nos vidros.

Que entrasse.

Aí estava quem podia dizer do assunto pendente. E todas:

— Oh João, primo João, senta-te aqui...

— Vocês estão ás escuras?

— Estamos, para sermos mais sinceras... Estavamos discutindo um problema grave, para vocês e para nós.

— Digam. Fale a maldade humana!...

— Esperem, eu exponho a questão, disse a loirinha.

«Oh João, tu que tens sido um doido de pedras toda a tua vida, podes dizer-nos uma coisa. Há ou não há amor? primeiro.

É possível ou não a uma mulher encontrar a metade transviada da sua alma?

Primo João riu, pensou e respondeu.

— Partindo do principio que as almas têm metades e que essas metades não andam juntas, pelas regras da probabilidade é possível que essas metades se encontrem. Admitida a hipotese vamos lá responder à pergunta.

«Amor... Esperem lá, eu prefiro raciocinar com factos. Vocês querem saber se o Amor existe? Existe, sim, minhas senhoras. Digo mais existem até vários amores... Aos dezoito anos amei, isto é julguei que tinha amado. Uma pequena doente e sentimental. Fiz-lhe versos, levei noites em claro a olhar as estrelas e a repetir o nome dela... Isto durou, dois anos, durou até que eu fugi para Espanha com uma morenita linda, dois anos mais velha do que eu... Também lhe tive um grande amor, que veio a passar e me tornou a Portugal...

«Depois...

Primo João calou-se.

— Anda, conta lá, depois...

— Depois andei a ver se era capaz de amar e não consegui. Uma vez encontrei uma pessoa que me fez má cara. Tornei a encontrá-la e achei-me a pensar nela dias e noites sem saber porquê. Eu não queria,

percebem vocês? Eu teimava em não ouvir o que o pensamento dizia baixinho, mas ele teimava, teimava... Era sempre o mesmo nome...

— Que nome era?

— Que nome era?

— Isso não se pergunta, meninas! A loirita teimou, queria saber quem era.

— Cala-te, deixa falar o João!

— Ao menos escreve-o aqui neste lenço, eu não mostro, juro...

— Escreve, João, para ela se calar.

Primo João escreveu e continuou.

— O resto tem pouco que saber. O nome triunfou, impoz-se, tornou-se, primeiro obcessão, depois necessidade, hoje tristeza, porque eu não lhe digo, a ela, o meu segredo, e ela decerto m'o não pergunta... Portanto, meninas, o amor existe e o que é difficil não é encontrar a metade da nossa alma, é dizer a essa metade que o é quando ela não está convencida.

«Estão satisfeitas? Boa noite, vou jogar um bocado.

A noiva dos três noivos não poudo conter um soluço.

— Que tens Isabel? Fez-te mal o que eu disse?

— Nem tu sabes! Adeus, vai jogar.

A luz da lua a loirinha decifrava na ponta do lenço o nome escrito.

De repente gritou para o grupo:

— Sabem que nome tem escrito o meu lenço! Isabel de Ataíde...

«E a pateta da Isabel a soluçar...

— Num murmúrio a morenita dos três noivos perguntou:

— É verdade Luisa?

— Lê...

Isabel leu. Primo João disfarçou uma lagrima.

*

E para todas três, desde aquele momento, foi um ponto de fé, uma verdade incontestável, o não ser de todo impossível que as metades transviadas duma alma — ou a alma irmã, segundo outros — se podem encontrar uma vez para formarem a rima mais perfeita da elegia da Vida.

FRANCISCA D'AYRE.

O Remédio!



«Convença-te de uma coisa meu caro, para curares a neurastenia de tua mulher... e a tua, só tens um remédio eficaz: assinar e ler o

MAGAZINE
BERTRAND

CHAPÉUS DE OUTONO



Chapéu de feltro castanho, com aplicações de flores de veludo creme
(Modêlo CORA MARSON)
(Foto Manuel Frères)



Feltro «taupé noir» gros grain da mesma cor, guarnecido a «vstrass»
(Foto Manuel Frères)



Tocado de penas da Casa Curby
(Foto Henri Manuel)



Criação da Casa Suzel
(Foto Henri Manuel)



Chapéu de seda «matelassée» azul pálido
(Foto Manuel Frères)

G R A F O L O G I A

O grande psicólogo contemporâneo Th. Ribot, logo na introdução da sua célebre obra intitulada «As doenças da vontade» afirma que: — «O princípio fundamental, que domina a psicologia da vontade sob a sua forma impulsiva, tanto no estado são, como no estado morbido, é o de que todo o estado de consciência tem sempre uma tendência para se exprimir, para se traduzir num movimento ou por um acto».

Assim, toda a acção nervosa causada por um pensamento ocasional ou permanente, por uma influência exterior ou interior de carácter impulsivo e repentino ou por uma ideia puramente fixa e profundamente gravada no subconsciente de um ser humano, essa acção gera sempre uma sequência de gestos ou movimentos involuntários e absolutamente independentes da vontade pessoal.

A demonstração mais fácil da veracidade deste princípio pode ser obtida ante a análise grafológica da letra de uma mesma pessoa através de períodos diferentes da sua vida e durante várias idades.

Com efeito, se a letra não fosse constituída por uma série de gestos resultantes dos pensamentos mais persistentes provocados pelas influências do meio e da época, aliadas às influências hereditárias físicas e morais permanentes, é evidente que essa letra já não se modificaria, apresentando por vezes diferenças tão grandes que somente grafologicamente podem explicar-se.

Se alguma das minhas Excelentíssimas Leitoras, menos joven, põe ainda em dúvida este fenómeno, basta-lhe-há comparar a sua letra dos tempos de infância ou preferivelmente da adolescência, com a letra da sua correspondência actual.

Quais serão, pois, os factores que assim modificam, por vezes, tão profundamente o grafismo de um indivíduo?

Esses factores são, principalmente, as acções resultantes da evolução para melhor ou pior de que todo o espírito humano é susceptível.

Aquela das minhas clientes que guarda ainda religiosamente algumas das cartas de fé e amor, outrora enviadas àquele que hoje é seu marido afectuoso e dedicado, será bem fácil verificar como os seus traços grafológicos se modificaram após o seu casamento tornando-se por ventura mais rígidos numa estética mais discreta e menos sinuosa.

Dir-se-hia até que há curvas subitas, movimentos misteriosos que fazem lembrar a caligrafia de seu marido se acaso a sua influência no lar conjugal é persistente e profunda...

É que para além do punho que gesticula25, Lisboa.

na impressão involuntária de uma grafionomia moral, está o cérebro emissor dos movimentos, vibrando sempre e sem repouso sob a tensão calma ou feroz da atmosfera psíquica que o rodeia.

A Grafologia é pois o ramo mais concreto, mais prático e indubitável, da psicologia aplicada e o seu estudo baseado em leis rigorosamente científicas fornece-nos assim os meios mais simples para o reconhecimento do carácter de qualquer pessoa, das suas boas ou más qualidades e tendências, do seu estado de saúde físico e moral.

Não é uma arte adivinhatória na verdadeira acepção da palavra «adivinhar» porque uma grafóloga não adivinha o futuro de ninguém limitando-se simplesmente a indicar os factores que caracterizam o espírito de qualquer pessoa e que, por consequência mais naturalmente influenciarão o seu futuro, à semelhança do médico higienista que, sem pretender lêr o futuro do seu cliente queixoso, poderá todavia indicar-lhe o tempo atribulado que o espera, caso não modifique o mau regime que adoptou.

Tal é, simplesmente, o fim moral da «Grafologia» ciência admirável e que constitui o processo revelador dos defeitos que é necessário extinguir numa determinada personalidade ou, de preferência, as boas qualidades que é mister desenvolver e cultivar.

CONSULTÓRIO GRAFOLÓGICO

Rogamos a todas as nossas Excelentíssimas Clientes que não esqueçam nunca indicar o pseudónimo sobre que deverá ser dada a resposta.

Igualmente advertimos que é imprescindível preencher o «coupon» anexo e enviá-lo juntamente com a consulta sem o qual não será dada a resposta.

A indicação do nome e da morada da cliente somente é necessária no caso de haver documentos que após terem sido submetidos à análise, devam ser devolvidos.

Não estamos autorizados a exercer a análise grafológica de qualquer documento que não seja acompanhado pela importância de «Um Escudo».

Sempre que os resultados não concordarem com a opinião pessoal da cliente ou não corresponderem à sua expectativa, regamos o especial favor de nos enviarem as suas reclamações por escrito indicando os principais pontos de discordância.

Toda a correspondência deverá ser dirigida para Madame de Memphis, secção de Grafologia da revista VOGA, rua Anchieta,

1 — Ferverosa — Lisboa — Para que serve afectar esse ar de frieza superior quando no fundo é uma sentimental, tão sentimental que toda a sua existência decorre entre livros de versos?

Reconheço que o seu temperamento extraordinariamente vibrátil rodeia-a de uma aura de poesia e romance por vezes bastante perigosa para o seu futuro.

Cautela pois, porque o despertar quasi sempre brutal das realidades irremediáveis parece ameaçá-la pendendo sobre o seu futuro de mulher bondosa e crédula.

Não é lacrimando sobre as páginas de António Nobre ou Soares dos Passos que aprendemos a psicologia perigosa e sempre cínica da maioria dos corações masculinos...

É necessário pensar mais e sentir menos aliás... nunca atingirá o ideal que ambiciona.

2 — Eva — Cascais — O seu grafismo indica-me simplesmente que é possuidora de um génio extremamente exaltado e mordaz. Se não fôsse uma pessoa de sociedade, esse seu temperamento poderia até arrastá-la ao crime passional atroz e vingativo.

Procure conhecer-se melhor a si e às outras pessoas que a rodeiam.

Lembre-se sempre que não é decididamente chicoteando com soberba e orgulho o coração de alguém que assim conseguirá fazer-se amar.

Neste mundo não há dois temperamentos, dois génios, dois corações, duas fisionomias absolutamente iguais.

Em resumo, na Natureza a igualdade absoluta não existe e por isso aprenda pois a ceder mais um pouco de si própria em favor do equilíbrio e união comum que garante a paz da sua consciência e a harmonia das suas relações sociais.

3 — Casaleira — Alentejo — Queira ler bem as nossas instruções. Não estou autorizada a enviar a resposta pelo correio.

Esta revista é semanal e por isso as respostas são sempre publicadas com a maior brevidade.

Queira enviar a direcção para onde devo devolver o documento que deseja submeter à análise.

"VOGA"

PREÇOS DE ASSINATURA

	3 meses	6 meses	1 ano
Continente, Ilhas e Espanha	17\$00	32\$00	62\$00
Exemplares registados.....	22\$20	42\$40	82\$80
Africa Ocidental e Oriental	35\$00	68\$00	
Exemplares registados.....	45\$40	88\$80	
India, Macau e Timor.....	36\$00	70\$00	
Exemplares registados.....	46\$40	90\$80	
Brasil	36\$00	70\$00	
Exemplares registados.....	56\$80	111\$60	
Estrangeiro	40\$00	78\$00	
Exemplares registados.....	60\$80	119\$60	

NUMERO AVULSO Esc..... 1\$50

Dirigir pedidos às Livrarias Aillaud e Bertrand, R. Garrett, 73-75.

CURIOSIDADE

VESTIDOS CURTOS

Se bem que a moda já dure há bastante tempo, ainda há muito quem seja contra os vestidos curtos. Muitos homens — que não gostam, ou fingem não gostar que as senhoras mostrem a perna — e algumas senhoras cuja idade conservou as tradições de seu tempo, protestam contra a moda actual.

Ora oiçam o que nos dizem as estatísticas médicas dos Estados Unidos da América do Norte, no tempo em que se usavam as saias a arrastar pelo chão:

Que 55:000 mortes anuais eram devidas aos micro-organismos patogénicos que as mulheres aprisionavam, no decorrer dos seus passeios, por entre as dobras e na fimbria das suas saias compridas.

Só por isto não valerá a pena, ó leitora amiga, usar a saia curta?

Oiçam ainda: Um notável médico microbiologista calculou que um vestido comprido apanhava, num espaço de quinhentos metros, um milhão de micróbios de variadíssimas espécies, entre as quais figuram cinco bacilos dos mais virulentos, e um destes é o da tuberculose. E tratava-se, na ocasião do estudo experimental deste médico, duma das ruas mais açadas da Europa!

Em certas cidades da Alemanha já há muitos anos e quando ainda estavam em moda, foram proibidas, sob pena de multa, as saias a arrastar.

Hoje, felizmente, já não armazenamos entre as pregas dos nossos vestidos, tantos milhões de micróbios. Mas... não exageremos também e não vamos cair no extremo contrário que é a saia pelo joelho. Saibamos usar, nisto como em tudo, de «conta, peso e medida», conforme aconselha o nosso bom rifão...

B

BERTRAND-IRMAOS. L^{DA}

FOTOGRAVADORES

TEL. T. 96

T. DA CONDESSA DO RIO 27

LISBOA

CHAPÉUS DE OUTONO



Modelo da Casa Suzel

(Foto Henri Manuel)



Toque de veludo «gris» e branco, usado por M.elle Pepa Bonafé

(Foto Manuel Frères)



Chapéu de fantasia para noite, em veludo preto, guarnecido de fivela preta. Usado por Pepa Bonafé

(Foto Manuel Frères)



Chapéu em vretan, guarnecido de penas verdes escuras e claras

(Foto Manuel Frères)



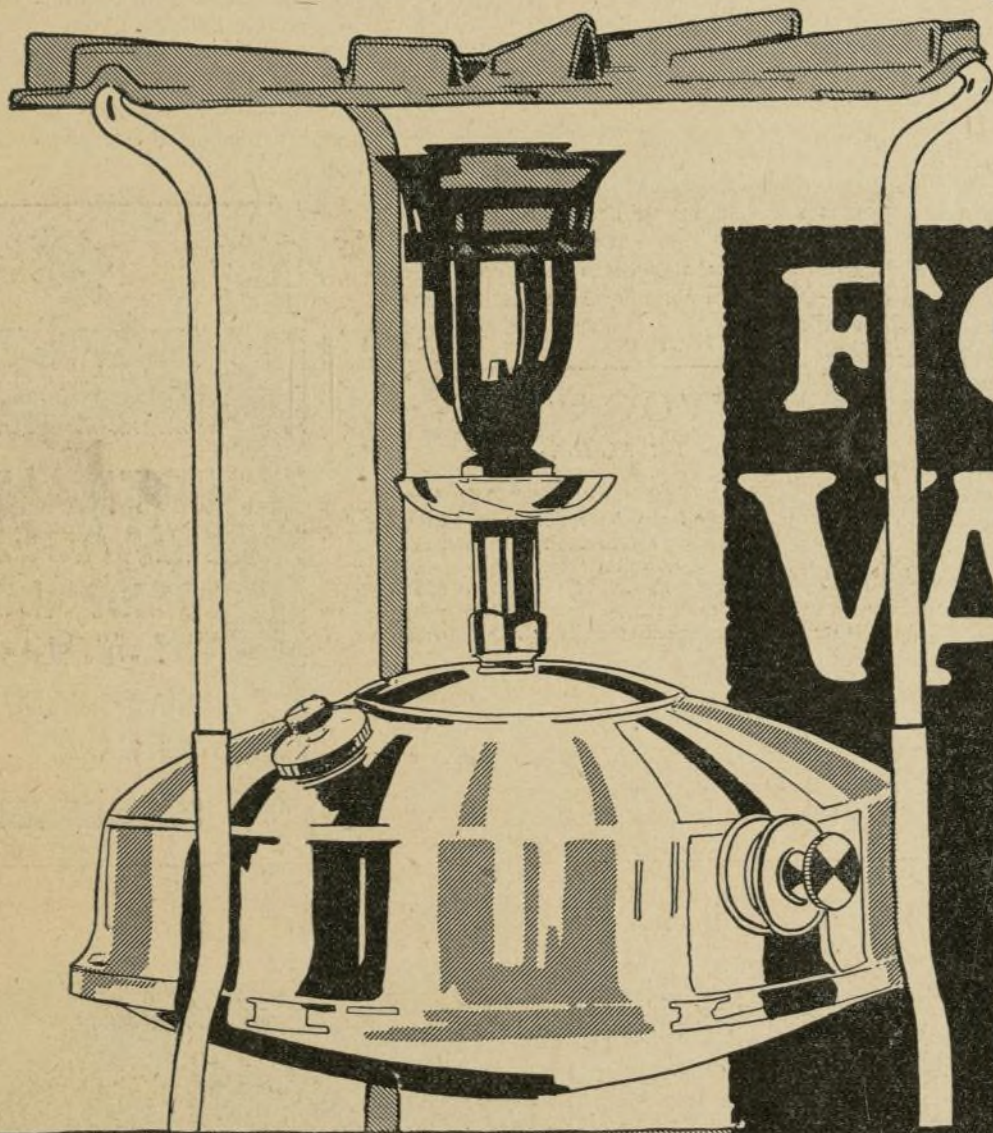
Pequeno «cloche» de feltro «beige», todo bordado a lã fina vermelha, desenhos e contornos a «beige»

(Modêlo de MARGUERITE et LÉONIE)
(Foto Henri Manuel)

Á VENDA

NO ROCIO, 67

Telefone: NORTE 3075



FOGÕES
VACUUM

Nºs 15 e 17

Completamente desmontáveis

rapidez
economia
limpeza!

Vacuum Oil Company



D. Maria Amália Pinto Basto
1.º e 2.º prêmios de amazonas em Espanha

D. MARIA AMÁLIA PINTO BASTO

VOGA orgulha-se de publicar na sua página desportiva o retrato da sportswoman portuguesa D. Maria Amália Pinto Basto, que soube, em terras de Espanha, afirmar brilhantemente a tradição repleta e nunca desmentida de sermos um país de cavaleiros.

A mulher portuguesa, quando resolve sair a modéstia misteriosa em que se esconde, sempre mostra *ser alguém*.

É portanto para essas, para as que o destino ponha em evidência, que a «Voga» chamará a atenção do seu esforço e da sua elegância, fixando os seus momentos de triunfo, tão dignos de exemplo e de desvanecimento da mulher portuguesa...

2.000 «CHAUFFEUSES»

No ano passado, em França, 17.648 senhoras requereram o seu *permis* para guiar automóveis. Actualmente, só em Paris, conta-se por perto de 2.000, o número de mulheres que fazem do volante o destino dos seus passos. É curioso confrontar este número com a frequência feminina nos cursos



O salto da sebe

que dão ingressos nas profissões liberais, que até há pouco tempo representavam troféus de glória, nas conquistas do feminismo. Em 1926, inscreveram-se 675 mulheres na Faculdade de Ciências, e 897 na Faculdade de Medicina.

Duas mil mulheres guiando automóveis em Paris!

Conviém dizer ainda, que neste avultado

número não se contam as senhoras que teem mão nos volantes dos aeroplanos!

CORRIDAS DE LEBREUS

Há muito que uma lei honrosíssima para o «talento» dos cães os excluía de todos os «gymkanas» de animais... A sua inteligência quasi humana punha-os fora da competência...

Daí, provavelmente, nasceu a ideia das corridas de lebreus. É um novo sport que vai marcar. Tem mais interesse que as corridas de cavalos. Nestas o jockey é o «motorista» do animal. Exige-se portanto ao cavalo o máximo vigor aliado à máxima obediência. Nas corridas de cães o «bicho» é o motorista de si próprio, o «self-commander».

Tôda a emulação é sua. Todos os *trucs*, na porfia de vencer, são obra do seu raciocínio. É curiosa a nossa gravura da largada onde nos olhos de todos os cães se nota um propósito de orientação. Consta-nos que Lisboa brevemente vai assistir a uma primeira corrida de galgos. Deus o queira.

Assim deve ser.

Em Portugal há possuidoras de belas matilhas. A «Santo Humberto» bem o tem de-

monstrado em montarias animadas, dirigidas com proficiência e elegância.

Por todo esse Ribatejo há trelos de galgos que fariam inveja às melhores «couples» francesas e inglesas.

As zonas portuguesas onde se pode correr lebres são vastos. Não faltam raposas nos nossos montados; necessariamente devemos ter bons cães.

Portanto o novo «sport» das corridas de lebreus deve sair bem entre nós. Matéria prima, e da melhor, não falta. Haverá um conjunto de vontades que, a tal empreendimento meta ombros?

AS AUDACIAS FEMININAS... NA AVIAÇÃO

Voar foi sempre uma tentação comum aos homens e às mulheres. Desde que o desenvolvimento da aviação transformou essa fantástica aspiração numa tão emocionante realidade, os homens teem encontrado nas alturas, revelando um magnífico à vontade, a sua frágil metade, participando da acção com a mesma delicadeza, com igual *charme* como quando dispense o minúsculo esforço de arrancar uma flôr.

Cotidianamente, seja como piloto, seja como passageira, a mulher aparece na carlinga dos aeroplanos, alimentando o sonho da vertigem e da altura. Já não é uma simples metáfora dizer-se: «Vogamos em pleno azul!»

Apenas a chuva, tornando o céu cinzento, destroi a realidade de tão fascinante exclamação. Mas a mulher nada teme. A mulher do nosso tempo, está possuída de tôdas as audácias... desportivas e o mais importante é que a idade ou a tradição deixaram de ser um obstáculo.

A princesa Loewenstein-Wertheim, de nacionalidade inglesa, ha treze anos que possui o seu *brevet* de aviadora. Uma outra grande dama, que também não pertence à nova geração, a duquesa de Bedford, utiliza para as suas excursões um avião, como um automóvel.

Mas não se limitam as mulheres a utilizar o avião como brinquedo de passeios.

O avião, guiado por mulheres, conduzindo passageiras, é também um elemento valioso

«tches» de «lawn-tennis». A assistência de senhoras, mais numerosa do que nos outros anos. Estão despertando grande entusiasmo, bem compreensível se dissermos que há grande número de incrições femininas. Podemos dar já alguns nomes. Mademoiselles, Cunha D'Orey, Waleet, Byder, Cantarino, Ribeiro, Atalaia, Paraty, Asseca, e D. Angelica Plautier.

Registaram-se já alguns agrupamentos de sensação, como o de D. Angelica Plautier Vasconcelos, Fran-Poishuard-Morales, e outros que atrairão a Cascais as primeiras toilettes de outono...

Chegaram a chamar-lhe uma mulher terrível...

AS MULHERES NA IX OLIMPIADA

A IX Olimpíada realizar-se-há em Amsterdam. Os americanos preparam activamente 250 atletas. Pela primeira vez as mulheres tomarão parte neste grandioso certamen de força, de destreza e de elegância. As americanas preparam uma sensacional representação. E o mundo latino? O *match* internacional feminino de atletismo, disputado ultimamente em Milão, revelou magníficos valores desportivos. Vê-se que pelo velho-novo mundo, as mulheres não perdem também nenhum ensejo de marcar atitude de beleza, fortemente apoiada na robustez física.

PRECALÇOS DUMA NADADORA PORTUGUESA

A senhora D. Amélia da Liberdade é uma distinta nadadora do Lisboa Ginnásio Club, e um delicado espírito de mulher moderna, digno de menção. Para toda a parte para onde se desloca, em passeio ou no desempenho de suas funções, ela procura sempre acomodar as condições locais aos seus



A largada — Apalpando o terreno

de desporto, com tôdas as emoções dos grandes campeonatos.

Os grandes *raids* aéreos não são pertença exclusiva dos empreendimentos masculinos. A princesa Loewenstein-Wertheim, ainda não há muito tempo, projectava embarcar como passageira num avião, numa travessia do Atlântico.

Uma aviadora alemã alimenta a esperança, e projecta para muito breve realizar o vôo Berlin-New York. A americana miss Boll, quer ser a primeira passageira a efectuar o percurso Paris-New York, pelo ar, e a aviadora americana miss Ruth Elder, uma linda rapariga de 23 anos, quando em Detroit desceu do seu monoplano *L'American-Girl*, afirmou o seu propósito de atravessar o Atlântico, declarando:

«Nada me impedirá de partir. Ninguém no mundo terá forças de me opôr obstáculos. Quero ser a primeira mulher que realizará a travessia do Atlântico. Deixarei New York...»

E suspendeu o seu entusiasmo para guardar o segredo da data da partida.

Miss Ruth Elder interrompeu as suas declarações, mas o seu desafio continua retinindo através o mundo...

CAMPEONATOS INTERNACIONAIS DE LAWN-TENNIS

Cascais está-se animando com magníficas tardes de «sport» e vida elegante. São as tardes das corridas de cavalos, e os «ma-

hábitos de «sportswoman». Não há muito tempo, D. Amélia da Liberdade, travou um formidável combate, não com as ondas, mas com o nosso meio, que a dois passos de Lisboa, chegou a dificultar-lhe a hospedagem, porque não compreendia que uma mulher fôsse... nadadora...



A amazona que cumpriu o «raid» Paris-Berlim a cavalo

CINEMA

GALANS DO "FILM"

HEGEMONIA DO TIPO LATINO

Os intérpretes americanos, entre os quais se contam os mais célebres astros do *écran*, obedeceram muitos anos a um *figurino* físico perfeitamente estabelecido e imutável. As ingênuas eram sempre loiras como trigo maduro, cabelos ao vento, numa poalha dourada sob a luz dos *spot-lights*; as «wamps» ou mulheres fatais, eram sempre languidas morenas de olhos em braza e escultura coleante, como serpentes, os galãs de ombros largos, cara escanhada e olhos claros e francos, os cínicos sempre de bigode petulante e mefistofélico, e elegância adamada. No primeiro grupo cabiam à maravilha Fanny Ward e Mary Miles Minter, no segundo Bárbara La Marr e Mãe Busch, no terceiro George O'Brien e Frank Mayo, e por fim, no quarto e último grupo, Lew Cody e Adolphe Menjou. Estas secções eram as indispensáveis em qualquer elenco onde só por incidente surgia o «característico» ou actor genérico, especializado na composição de tipos muito definidos e centrais em qualquer obra. Posteriormente

Janning's, Charles Ray, António Moreno, Ramon Navarro, Ricardo Cortez, e tantos outros, que levaram aos seus elencos tipos físicos bem diferentes dos *yankees* como sejam os slavos e os latinos meridionais. Esta beneficiação deu grandes resultados, e onde não havia latinos arranjaram-se americanos do Canadá, origem francesa, portanto, e estes, criando tipos físicos pseudo-meridionais, satisfizeram também. É o caso de John Gilbert, canadiano, que, na casa Fox, onde se estreou, levou muito tempo a interpretar filmes sem categoria, e em que a sua face escanhada era vulgaríssima. Um dia, um belo filme romântico, «Dama, valete e rei», levou-o a compôr um tipo de galã romântico, de bigode e patilhas e grande grenha revolta. Foi um triunfo. Hoje, John Gilbert, primeira figura da Metro, deve ao seu «tipo»



das suas pequenas salas. Marcus Loew tornou-se então, logicamente, produtor, pequeno produtor que logo viu crescer a cifra do seu negócio, pois explorava a indústria artística mais rendosa do mundo.

Em dois anos de produção, Loew estava à frente dum poderoso consórcio, a «Loew-Metro Pictures» que, mais tarde, pela absorção da Goldwyn e a aliança com o produtor Louis B. Mayer, formou uma das companhias mais poderosas do mundo inteiro.

A morte de Marcus Loew, multimilionário e potentado arquipoderoso, enlutou a cinematografia de todo o mundo e vai, decerto, causar grandes modificações no complicado taboleiro de xadrez do comércio cinematográfico americano.

A linda Huguette Dufflos, rainha da elegância francesa, a artista mais célebre do seu país, que o cinema roubou à Comédie Française, acaba de se divorciar de Rafael Dufflos também societário da casa de Molière.



a esta convenção tácitamente aceite por todos, os «característicos» tiveram uma fase de preponderância muito notável em que passaram os restantes elementos para planos secundários, sendo cometidos os papeis importantes aos Lon Chaney, Farrell Mac Donald, Ernest Torrence, Boshworth, House Peters, etc. Também a voga de Alla Nazimova com o mistério hierático das suas atitudes veio modificar o chamado «tipo primeira actriz», loirinha e vaporosa. Os produtores reconheceram a necessidade de saírem de convenções e de ter gómicos sem bigode nem elegância, e galãs simpáticos não atléticas e não ultrajantemente anglo-saxões, visto que a sua expansão se alargava pelos países europeus e americanos de origem latina. Daqui a importação das «vedetas» francesas como Arlette Marchal, alemãs como Lya de Putti e escandinavas como Greta Garbo. Nos homens o movimento ainda foi mais pronunciado. André Mattoni, da U. F. A., Mosjoukine, Conrad Veidt, Emil

que inteligentemente compôs, grandes sucessos no mundo inteiro, e depois da «The Big Parade» foi o Rodolfo da «Bohème», com Lilian Gish, o Danilo da «Viuva Alegre» com Mãe Murray, e vai aparecer ao mundo em «Bardelys, the magnificent», que se anuncia como a maior produção de 1927. Gilbert, há dois anos obscuro, é hoje o mais popular galã do cinema americano.

* *

Marcus Loew, um dos primeiros pioneiros do cinema, faleceu há pouco em Hollywood. De origem modestíssima, o actual presidente de Metro-Goldwyn, começou por exercer misteres humílimos dos quais se libertou pelo esforço próprio, grangeando, pouco a pouco, os meios de tentar a fortuna. Começando com um pequeno cinema foi depois ampliando a sua esfera de exibidor e a tal ponto que, dentro em pouco já não podia encontrar no mercado filmes suficientes para a rede

